UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS

ISABELLA APARECIDA NOGUEIRA LEITE

REESCREVENDO O IMAGINÁRIO: reflexões sobre a tradução de línguas élficas em Tolkien

JUIZ DE FORA
2017

ISABELLA APARECIDA NOGUEIRA LEITE

REESCREVENDO O IMAGINÁRIO: reflexões sobre a tradução de línguas élficas em Tolkien

Monografia submetida ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz Fora como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Carolina Alves Magaldi

JUIZ DE FORA
2017

ISABELLA APARECIDA NOGUEIRA LEITE

REESCREVENDO O IMAGINÁRIO: REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO DE LÍNGUAS ÉLFICAS EM TOLKIEN

Esta monografia foi julgada e aprovada para a obtenção do Bacharelado ênfase em Inglês, no Curso de Letras, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz Fora.

Juiz de Fora, 20 de janeiro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adauto Vilela

_____

Prof.ª Dr.ª Patrícia Fabiane da Cunha Lacerda

_____

Orientadora

_____

Prof.ª Dr.ª Carolina Alves Magaldi

Nota:_____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me dar forças e paciência para continuar persistindo em cada escolha feita.

Aos meus pais, que sempre me proporcionaram o que lhes cabia, me apoiando em tudo e sempre estando ao meu lado independente das dificuldades.

Ao meu irmão, que me aguentou durante esses meses de estresse e sempre me apoiou e me aconselhou.

À minha orientadora, uma pessoa maravilhosa, possuidora de um vasto conhecimento e de uma enorme sabedoria, que sempre me incentiva a mais e me ensina muito. E que me fez amar ainda mais esse mundo maravilhoso que é a tradução.

À Faculdade de Letras, que me fez apaixonar cada dia mais pelos conhecimentos do mundo da linguagem. Levando-me a adquirir, a cada dia, mais conhecimento.

Ao corpo docente que me acompanhou e me guiou nessa jornada.

E ao Tolkien, por ter deixado esse imenso legado cheio de detalhes que nos surpreende e encanta.

Not all those who wander are lost.
J.R.R. Tolkien, *The Fellowship of the Ring*

RESUMO

A presente monografia objetiva discutir o universo tradutório centrado na língua élfica Quenya, inventada por J.R.R. Tolkien, enfocando as versões em língua inglesa e língua portuguesa de suas obras literárias e respectivas adaptações. Para tal, analisaremos o Quenya nos contextos literário, cinematográfico e digital, destacando como ela é abordada no aplicativo ElvenSpeak, que objetiva traduzir e lecionar a língua em questão. Ao longo do estudo, nossa pergunta norteadora foi: como as línguas élficas são representadas nos contextos de tradução da língua inglesa para a portuguesa, nas obras de Tolkien e em suas adaptações? Como aparato teórico, usamos de dois conceitos do estudioso israelense Itamar Even-Zohar: a Teoria dos Polissistemas (2013) e Cultura como bens e cultura como ferramentas (2010), para, através de uma pesquisa com uma metodologia qualitativa, problematizarmos nossa questão.

Palavras-chave: Tolkien. Quenya. Tradução. Even-Zohar.

ABSTRACT

This paper aims to discuss about the translation universe with focus on the elvish language Quenya, created by J.R.R. Tolkien, focusing on the English and Portuguese language versions of his literary works and respective adaptation. For this end, we will analyze the Quenya on literary, cinema and digital context, highlighting how it is the approach on the application ElvenSpeak, which aims translate and teach the language in topic. Throughout the study, our main question was: how are the Elvish languages presented in the translation context of the English to the Portuguese language on the works by J.R.R. Tolkien and his adaptations? We use, as theoretical basis, two concepts of the Israeli scholar Itamar Even-Zohar: "Polyssistem Theory" (2013) and "Culture as Goods, Culture as Tools" (2010) to problematize the hypothesis, and by that using a qualitative approach.

Keywords: Tolkien. Quenya. Translation. Even-Zohar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Cena Senhor dos Anéis sem legenda programada 33
Figura 2– Cena Senhor dos Anéis sem legenda programada 34
Figura 3 – Print do roteiro da cena do Senhor dos Anéis..... 35
Figura 4 – Imagem explicativa sobre a relação polissistemica 39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Lamento de Galadriel 23
Quadro 2 – Exemplo 1 24
Quadro 3 – Exemplo 2 24
Quadro 4– Exemplo 3 26
Quadro 5 – Exemplo 4 27
Quadro 6– Exemplo 5 27
Quadro 7– Exemplo 6 28
Quadro 8– Exemplo 7 33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **10**

1 TOLKIEN E SUAS LÍNGUAS **12**

1.1 BREVE BIOGRAFIA 12

1.2 A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE TOLKIEN 15

1.3 LÍNGUAS, POVOS E MUNDOS DE TOLKIEN 18

2 ÉLFICO, TRADUÇÃO E UNIVERSO DIGITAL **22**

2.1 QUENYA 22

2.2 AMPLIANDO O CONHECIMENTO LINGUÍSTICO SOBRE AS LÍNGUAS ÉLFICAS 26

2.3 ÉLFICO EM 32 BITS 29

2.4 INTERFACES TRADUÇÃO/CULTURA/UNIVERSO DIGITAL 30

3 ANÁLISE, TRADUÇÃO E CULTURA **37**

3.1 POLISSISTEMA 37

3.2 CULTURA COMO BENS E CULTURA COMO FERRAMENTAS 43

CONSIDERAÇÕES FINAIS **46**

REFERÊNCIAS **47**

ANEXO A – IMAGEM DO TÚMULO DE TOLKIEN E SUA ESPOSA **49**

ANEXO B – ASSINATURA DE TOLKIEN, VINDO EM TODO INÍCIO DE SEUS LIVROS E NAS LOMBADAS **50**

ANEXO C - PRINT DA PÁGINA DE ABERTURA DO APLICATIVO E PRINT COM A PRESENÇA DE TODAS AS ABAS **51**

ANEXO D – PRINT DA ABA DE NÚMEROS EM QUENYA **52**

ANEXO E – PRINT DA ABA "LIBRARY" CONTANDO A INTRODUÇÃO PARA O APP **53**

ANEXO F – PRINT DA ABA DE ALFABETO **54**

ANEXO G – PRINT DA PÁGINA INICIAL DO SITE ADARLAMBIO EM PORTUGUÊS E PRINT DA PÁGINA INICIAL DO SITE ADARLAMBIO EM INGLÊS **55**

ANEXO H – PRINT DA ABA DICIONÁRIO E *PRINT* DA ABA DICIONÁRIO E *PRINT* DA ABA DICIONÁRIO **56**

ANEXO I – PRINT DA ABA CONVERSAÇÃO E PRINT DA ABA CONVERSAÇÃO **58**

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, almejamos discutir como as línguas élficas, criadas por J.R.R. Tolkien, em especial o Quenya, se comportam no ambiente da tradução da língua inglesa para a língua portuguesa.

Para tal, iniciaremos nossa análise por um breve apanhado da vida e obra do autor J.R.R. Tolkien. Nessa perspectiva, elencamos um número grande de livros escritos por ele. As principais e mais conhecidas – publicadas em vida – são "The Lord of Rings" (Senhor dos Anéis) (TOLKIEN, 2001) e "The Hobbit" (O Hobbit) (TOLKIEN, 2012) e elas serão retratadas aqui com o objetivo de contextualização. Vale ressaltar que tais obras ganharam mais notoriedade a partir de suas adaptações cinematográficas. "The Silmarillion" (O Silmarillion) (TOLKIEN, 2011) também é uma criação importante, pois era a que o Tolkien mais desejava ver publicada. Por isso, ela também será brevemente discutida em nosso trabalho.

Além das já citadas, o autor também escreveu diversas obras que são centradas nesse mesmo universo ficcional. Tais narrativas transcorrem na Terra Média, a partir da qual Tolkien criou sua mitologia, suas criaturas e, principalmente, suas línguas.

Além de suas publicações, existem muitas obras escritas sobre o seu sistema literário como, por exemplo, "Curso de Quenya: A mais bela língua dos elfos" de Helge Fauskanger. Esse livro é a versão impressa e traduzida do site do mesmo autor (FAUSKANGER, 2004). Além disso, o conteúdo existente em ambos também se encontra no aplicativo ElvenSpeak, utilizado em nossa análise.

A partir dessa contextualização, chegamos à nossa pergunta norteadora, que seria: como as línguas élficas são representadas nos contextos de tradução da língua inglesa para a portuguesa nas obras de Tolkien e suas adaptações?

A partir desse questionamento, nosso objetivo central seria analisar como essa representação élfica foi incorporada no processo tradutório. Vale ressaltar que nossa análise se centrará nas singularidades da língua, mostrando as diferentes formas de apresentação, seja filme ou livro, e expondo a sua importância.

Quanto aos objetivos específicos, destacamos: i) descrição do contexto de vida e obra de Tolkien e suas criações; ii) análise da língua Quenya, suas complexidades e existência em múltiplos universos, do literário ao digital, tendo também aplicativos e sites como formas de aprendizado; iii) discussão da aplicabilidade do conceito de pseudotradução neste contexto literário; iv) análise do aplicativo e a posição do Tolkien no universo literário e acadêmico, a

partir dos conceitos de polissistema e de cultura como bens e ferramentas, ambos de Itamar Even-Zohar (EVEN-ZOHAR, 2010; 2013).

Para tanto, faremos uso de uma metodologia qualitativa que tem como foco a compreensão de fenômenos. Utilizaremos, assim, os textos de Itamar Even-Zohar, a "Polyssistem Theory" – Teoria dos Polissistemas – e a "Culture as Goods, Culture as Tools" – Cultura como bens e cultura como ferramentas, como aporte teórico (EVEN-ZOHAR, 1990, 2010; 2013). Além disso, empregaremos também o aplicativo Antcoc, ferramenta de pesquisa da Linguística de *Corpus*, com o intuito de exemplificar alguns aspectos interessantes nas línguas élficas.

No capítulo um apresentaremos brevemente o mundo de Tolkien. Para isso, daremos uma pequena introdução à sua biografia, um panorama das obras produzidas por ele e indicaremos também algumas publicações que foram escritas sobre ele, além de uma introdução às criações de Tolkien, os povos, suas línguas e os mundos.

No segundo capítulo, a nossa pesquisa passa a enfocar a tradução de línguas élficas, havendo a inclusão de mais detalhes sobre tais línguas, a partir da Linguística de *Corpus* para mostrar algumas de suas particularidades e características interessantes. Dentre as línguas, o foco principal será voltado para a Quenya. Além disso, serão apresentados também outros contextos de análise das línguas élficas, dentre eles, sites, livros, filmes e a pesquisa com a Linguística de *Corpus.* A descrição do aplicativo ElvenSpeak também será retratada neste capítulo, juntamente com a exemplificação da relação do ensino da língua presente a partir da apresentação de alguns *prints* feitos sobre a organização do material, além de uma pequena análise.

No terceiro e último capítulo, conduziremos uma análise mais aprofundada que tentará mostrar o papel dos polissistemas nesse universo e do Quenya como um bem e do ElvenSpeak como uma ferramenta. Os textos supracitados de Even-Zohar (EVEN-ZOHAR, 1990, 2010; 2013) serão utilizados para a discussão.

1 TOLKIEN E SUAS LÍNGUAS

Neste capítulo, iremos discutir um pouco sobre a vida de Tolkien, trazendo, além de algumas informações de seu percurso pessoal e acadêmico, destaques sobre suas obras, o mundo criado por ele e suas línguas. Além disso, discutiremos o que influenciou o autor no decorrer de sua vida para as suas criações. Para isso, iremos dividir o capítulo em três itens. No primeiro, será feita uma pequena introdução sobre a sua vida e o que o levou à produção de suas obras. No segundo, será voltado o foco para a descrição de suas obras e, também, um pouco do que já foi feito sobre ele. No último item, faremos uma apresentação dos mundos criados por Tolkien e os povos que os habitam, bem como suas línguas.

1.1 BREVE BIOGRAFIA

John Ronald Reuel Tolkien (1892 – 1973), mais conhecido como J.R.R. Tolkien, foi um escritor renomado, filólogo e também professor de anglo-saxão (Inglês antigo – *Old English*) na Universidade de Oxford. Tolkien nasceu em Bloemfontein, África do Sul, no dia 3 de janeiro de 1892, mas quando seu pai faleceu, em 1896, ele, sua mãe e seu irmão mais novo, Hilary, voltaram para Inglaterra. Esta fase trouxe inúmeras adaptações para a família, dentre as quais está o fato de que passaram a frequentar a Igreja e se tornaram católicos devotos.

Por volta do ano de 1904, aos 12 anos de idade, Tolkien passou a demonstrar interesse pela área da linguística, levando-o eventualmente a iniciar sua carreira acadêmica com o domínio das línguas clássicas (Latim e Grego). Cursou a Faculdade de Exeter em Oxford, estudando Clássicos, *Old English*, as línguas germânicas (especialmente o Gótico), Galês e Finlandês. O estudo e o conhecimento do Finlandês fizeram dessa língua uma das grandes influências na criação das línguas élficas, tal como o *Qenya*, como veremos mais adiante. Após receber uma qualificação abaixo da média nos estudos clássicos, Tolkien focou seus estudos na área da Língua e Literaturas inglesas[1].

Foi nesse período, no qual teve os primeiros contatos com inglês antigo e sua literatura, que Tolkien descobriu a beleza e a musicalidade expressa por essa língua. Ao dedicar-se aos estudos de *Old English*, ele se deparou com um poema que teria um grande

[1] Dados consultados na *Tolkien Society* e no livro as "As cartas de J.R.R. Tolkien" (TOLKIEN, 2006).

impacto em sua criação futura de línguas e na produção de suas obras, apresentado a seguir em *Old English*, Inglês contemporâneo e português:

> "Crist of Cynewulf":
> "*Eálá Earendel engla beorhtast*
> *Ofer middangeard monnum sended"*[2]
> *"Hail Earendel brightest of angels,*
> *over Middle Earth sent to men."*[3]
> *"Salve Earendel, a mais brilhante dos anjos,*
> *sobre a Terra Média enviada ao homem"*[4].

Esse poema foi de grande importância para a carreira de Tolkien, pois foi a partir desse primeiro contato com o inglês antigo que o seu interesse pela criação de línguas se intensificou. Quando ainda era criança, Tolkien tinha alguns rascunhos do que poderia ser uma nova língua. Foi a partir dessa influência que Tolkien retomou seu trabalho de criação de novas línguas.

Outro momento marcante de sua vida ocorreu aos 16 anos, quando Tolkien conheceu Edith Bratt, com quem se casou anos depois. Sua relação com Edith teve um início conturbado, uma vez que houve períodos nos quais os dois foram até mesmo proibidos de se comunicarem, mas nada os impediu de ficar juntos. Durante os anos de 1915 – 1916, Tolkien passou por vários acontecimentos, formando-se na universidade, alistando-se no exército e, posteriormente, lutando a Primeira Guerra Mundial. Nessa época, também começou a trabalhar em algumas criações poéticas e nas construções das línguas élficas, inventadas por ele. Além disso, casou-se com Edith, por medo de não vê-la mais por causa da guerra. Seu relacionamento foi muito importante e se faz presente em sua obra "The Silmarillion" (O Silmarillion) na passagem do conto "Beren and Lúthien" (De Beren e Lúthien) (TOLKIEN, 2011). A personagem Lúthien foi inspirada em sua esposa Edith e Beren em si mesmo:

> Já perdidas as esperanças de Beren, Lúthien voltou a ele enquanto estava sentado na escuridão; e, naquela época remota no Reino Oculto, pôs a mão sobre a dele. Daquele momento em diante, ela com frequência vinha até ele, e os dois passeavam em segredo pelos bosques, da primavera ao verão. E nenhum outro Filho de Ilúvatar conheceu tamanha alegria, embora o período fosse curto (TOLKIEN, 2011[1999], p.208).

---

[2] *Old English.*
[3] Tradução para o Inglês encontrada na *Tolkien Society*. Disponível em < http://www.tolkiensociety.org >. Acesso em: 25 abr. 2016.
[4] Tradução nossa.

Nesse trecho, ele descreve como a relação de Beren e Lúthien será complexa e, assim como a sua com Edith, essa narrativa se passa logo no início da obra. Um dado relevante a respeito da conexão entre o casal real e o fictício pode ser encontrado nas menções em suas tumbas, com os referidos nomes:

> Edith Mary Tolkien, Lúthien, 1889-1971
> John Ronald Reuel Tolkien, Beren, 1892-1973[5]

Ao ficar doente, no período da guerra, Tolkien foi mandado para casa, onde, após ser tratado, passou muito tempo com sua esposa Edith. Esse foi o momento no qual ele começou a escrever algumas de suas obras como o "The Silmarillion" (O Silmarillion) – o qual era apresentado como *The Book of Lost Tales*, e já apresentava em alguns esboços dados sobre as línguas *Qenya* e *Goldogrin*. Nesse mesmo ano, Tolkien foi aceito como assistente na criação do que hoje conhecemos de "Dicionário Oxford de Inglês". Em 1920, Tolkien recebeu um cargo mais avançado de *Reader* (o que seria referente ao cargo de Professor Associado), tornando-se professor de Língua Inglesa na Universidade de Leeds.

Em 1925, ao mesmo tempo em que lecionava e colaborava com E.V. Gordon na famosa edição da novela de cavalaria de "*Sir Gawain and the Green Knight*" (Sir Gawain e o Cavaleiro Verde), Tolkien escrevia e aprimorava o livro *The Book of Lost Tales* e a criação do "Elvish" (Élfico). No mesmo ano, uma vaga de professor em Oxford foi aberta e Tolkien se candidatou. Suas publicações acadêmicas receberam grande reconhecimento no meio universitário. A mais notável entre elas foi "*Beowulf: the Monsters and the Critics*" (Beowulf: os monstros e as críticas), um ensaio sobre o clássico poema "Beowulf", que mais tarde seria traduzido por ele. No ano de 1945, sua posição de Professor foi elevada para "*Merton Professorship of English Language and Literature*" (Orientador e Professor de Literatura e Língua Inglesa) e manteve-se nessa posição até se aposentar em 1959.

Tolkien fundou e integrou alguns grupos que reuniam entusiastas da literatura e das línguas, bem como do hábito de compartilhar bebidas e fumar cachimbo. Dentre eles, temos *The Inkings*, grupo de amigos que tinha a presença marcante de um de seus melhores amigos C.S. Lewis; O *Viking Club*, que era voltado mais para a leitura de sagas de *Old Norse;* e O *T.C.B.S. (Tea Club, Barravian Society)*, formada ainda como aluno.

Seu reconhecimento maior foi, no entanto, no campo da literatura fantástica. Seus livros tiveram alcance internacional, gerando até mesmo adaptação para outros universos

[5] Imagem em Anexo A.

semióticos. Dentre suas obras mais marcantes, temos “The Lord of Rings” (Senhor dos Anéis) (TOLKIEN, 2001) e “The Hobbit” (O Hobbit) (TOLKIEN, 2012). Este tópico será discutido com mais detalhes no item 1.2.

Seu legado persiste até hoje e sua representação mais recorrente, além da imagem icônica fumando um cachimbo, é a sua assinatura, que está presente nas primeiras páginas de suas obras e nas lombadas de seus livros (Anexo B).

1.2 A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE TOLKIEN

J.R.R Tolkien é reconhecido não somente pelo seu trabalho como escritor de romances, mas também como um grande filólogo, professor e produtor de artigos, quando em sua época acadêmica. Portanto, não temos hoje somente livros escritos por ele ainda em vida, ou os editados e publicados posteriormente por seu filho, Christopher Tolkien, mas também textos, trabalhos e livros sobre Tolkien. Por isso, nesse segundo item, iremos discutir sobre as obras escritas por Tolkien e também o que foi publicado sobre ele.

J.R.R. Tolkien escreveu em torno de 43 obras, de acordo com a *Tolkien Society*[6], sendo publicadas somente 12 antes de seu falecimento. A maioria delas são *short stories*, com exceção de duas de suas mais importantes obras: “The Hobbit” (O Hobbit), sendo o primeiro (TOLKIEN, 2012)., e “The Lord of The Rings” (O Senhor dos Anéis) (TOLKIEN, 2001)., as três partes. Dentre as obras publicadas após o seu falecimento, a que se encaixa como sendo uma das mais amadas e também importante é a “The Silmarillion” (O Silmarillion) (TOLKIEN, 2011). Sendo essas as três obras mais famosas, listaremos mais informações sobre elas abaixo. Os dados encontrados na sociedade brasileira, Tolkien Brasil (2016), com relação às publicações sobre ele, enumeram cerca de 51 textos, estando entre eles artigos e teses publicadas em português. Já na *Tolkien Society* (2016), o número de escritos é de aproximadamente 68.

Comecemos, então, por seu primeiro sucesso editorial, “The Hobbit” (O Hobbit). Essa foi sua primeira publicação de um romance, aclamada pelos leitores da época e também pelos de hoje, tendo um imenso impacto em seu público leitor (TOLKIEN, 2012). Um exemplo disso seriam aplicativos como *Skoob*[7] e *Goodreads*[8], que tem ótimas avaliações da obra, feitas por leitores de todo o mundo.

---

[6] *Tolkien Society*. Disponível em: < http://www.tolkiensociety.org >. Acesso em: 25 abr. 2016.
[7] Aplicativo Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br>. Acesso em: 23 jul. 2016.
[8] Aplicativo GoodReads. Disponível em: <https://www.goodreads.com>.Acesso em: 23 jul. 2016.

A maior parte da construção deste livro ocorreu durante os primeiros sete anos como professor da Universidade de Oxford. Nesse período, por volta do inverno de 1932, ele apresentou o manuscrito incompleto para o seu amigo C.S. Lewis. Além dele, outra pessoa que leu esse manuscrito, na época, e teve uma participação muito importante para a eventual publicação do livro, foi Susan Dagnall, citada muitas vezes como aluna ou bacharel de Oxford. Foi ela quem encorajou Tolkien a terminar e levar o livro para ser publicado. Na época, ela trabalhava para a editora londrina Allen & Unwin. No dia 03 de outubro de 1936, Tolkien enviou o manuscrito completo para editora e o fundador e presidente, Stanley Unwin, respondeu três dias depois afirmando que iriam ler e avaliar a obra. No dia 21 de setembro de 1937, a primeira edição de "The Hobbit" (O Hobbit) foi publicada e a editora Allen & Unwin escreveu, na orelha (passagem que Tolkien não percebeu como uma forma de elogio), a seguinte passagem:

> J.R.R. Tolkien .... tem quatro filhos e *O Hobbit* .... foi lido em voz alta para eles no quarto das crianças.... O manuscrito .... foi emprestado a amigos em Oxford e lido para seus filhos .... O nascimento de *O Hobbit* lembra fortemente o de *Alice no País das Maravilhas.* Aqui, mais uma vez, brinca um professor de uma matéria obscura[9] (TOLKIEN, 2006, p.26).

Tal obra foi traduzida para muitos idiomas, dentre eles para o português brasileiro, com tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves, publicada no ano de 1995 pela editora Martins Fontes, tendo sido, ainda, adaptada para o cinema e dividida em três filmes.

Outra obra também muito famosa de Tolkien foi "The Lord of the Rings" (O Senhor dos Anéis). Sua divisão em três partes era contestada por Tolkien, mas o autor eventualmente concedeu a decisão editorial e, no ano de 1954, foi publicada a primeira parte, "The Fellowship of the Ring" (A Sociedade do Anel). No mesmo ano, a segunda parte, "The Two Towers" (As Duas Torres), também foi publicada. Já a terceira parte, "The Return of the King" (O Retorno do Rei), veio ao público no ano de 1955. Todas as três obras tiveram uma segunda edição em 1966. A edição de um volume único, contendo os livros como um só, aconteceu, posteriormente, como era de interesse de Tolkien. Assim como o "The Hobbit" (O Hobbit), essa obra também foi traduzida para muitas línguas, sendo que a versão em português brasileiro foi publicada no ano de 2001 pela mesma editora, Martins Fontes (TOLKIEN, 2001). Também recebeu adaptação para o cinema, sendo divido em três filmes, assim como nos livros, e isso fez com que sua obra tivesse um alcance ainda maior.

---

[9] As reticencias se encontram dessa maneira já na citação original

Essa trilogia foi pedida pela editora como sendo uma continuação para “The Hobbit” (O Hobbit). Contudo, Tolkien não a via dessa maneira, mas sim como uma continuação para o “Silmarillion” e era de sua vontade publicá-las conjuntamente. “[...] ele não é uma continuação para *O Hobbit*, mas para *O Silmarillion.* [...] eu desejo publicar ambos – *O Silmarillion* e *O Senhor dos Anéis* – em conjunto ou em ligação” (TOLKIEN, 2006, p.134) O sucesso dessa obra foi surpreendente para Tolkien, que achava que ela não seria bem aceita, pois, em suas palavras:

> E agora que olho para ela, a magnitude do desastre está aparente para mim. Minha obra escapou do meu controle e produzi um monstro: um romance imensamente longo, complexo, um tanto amargo e muito aterrorizante, bastante inadequado para crianças (se é que é adequado para alguém); [...] (TOLKIEN, 2006, p.134)

Para o autor, os possíveis leitores dessa nova obra, por ter um conteúdo mais denso, mais escuro e mais adulto, como Tolkien falava, seriam os leitores de “The Hobbit” (O Hobbit) com uma idade mais adulta.

Chegamos, então, à obra mais amada por Tolkien, “The Silmarillion” (O Silmarillion). Infelizmente, este livro foi publicado postumamente em 1977, quatro anos após o seu falecimento. Assim como as outras, esta também teve uma tradução para o português, sendo publicada em 1999 pela editora Martins Fontes e sua tradução foi feita pelo tradutor Ronald Kyrmse[10]. Conforme mencionado anteriormente, Tolkien tinha a intenção de publicá-la como prelúdio de “O Senhor dos Anéis”. Ele também queria que esta fosse publicada antes de todas as demais, mas a editora a considerou um texto muito denso, por conter muitas referências à sua mitologia.

“The Silmarillion” (O Silmarillion) foi composto por Tolkien durante mais de cinquenta anos, tendo o seu início no ano de 1914. Ele a vê-la publicada, como já mencionado. Contudo, seu filho Christopher finalizou o trabalho ao reunir todos os contos mitológicos que retratam os primórdios da Terra Média e também contos sobre os Altos Elfos e das Primeiras Eras.

> O *Silmarillion* é a história da Guerra dos Elfos Exilados contra o Inimigo, que ocorre no Noroeste do mundo (Terra-média). Vários contos de vitória e tragédia misturam-se a ela; mas ela termina em catástrofe e com a passagem do Mundo Antigo, o mundo da longa *Primeira Era*. (TOLKIEN, 2006, p.145)

---

[10] Dado retirada da Tolkien Brasil. Disponível em :< http://tolkienbrasil.com/j-r-r-tolkien/livros/>. Acesso em: 25 abr. 2016

Além dos três livros principais citados acima, Tolkien escreveu muitos outros como **"***Mr. Bliss*" **(**Sr. Bliss), em 1981 e "*Farmer Giles of Ham*" (Mestre Gil de Ham), em 1949. Esses também eram de grande apreço por seu criador.

Conforme mencionado anteriormente, Tolkien também teve livros, textos e artigos escritos sobre ele. O interesse na vida e na obra do autor também gerou um volume que está sendo utilizado nesse trabalho: "As Cartas de J.R.R. Tolkien" (TOLKIEN, 2006), publicação que consiste na compilação de cartas escritas por ele durante a sua vida, nas quais o autor fala de suas obras, bem como de fatos da sua vida e eventos pelos quais passou. Organizado por Humphrey Carpenter com a assistência de Christopher Tolkien, essa obra foi publicada no ano de 1981 em língua inglesa e, no ano de 2006, houve a publicação da tradução de Gabriel Oliva Brum para o português brasileiro.

1.3 LÍNGUAS, POVOS E MUNDOS DE TOLKIEN

J.R.R. Tolkien tinha um apreço por mitologia e pelo campo da linguística, conforme explicado no item 1.1. Com a união dessas duas paixões e também com uma imaginação fértil, ele criou um novo mundo, repleto de criaturas distintas, falantes de línguas específicas.

Dentre os mundos criados por Tolkien, destacamos a princípio *Arda*, que significa reino, e foi "o nome dado ao nosso mundo ou terra, como sendo o lugar, dentro da imensidão de Eä, selecionado para ser a morada e domínio especial do Rei – por causa de seu conhecimento de que os Filhos de Deus apareceriam lá" (TOLKIEN, 2006, p.270). Este mundo é palco de "The Silmarillion" (O Silmarillion) e foi criado na primeira fase da obra de Tolkien. No entanto, por conta de desencontros com as instâncias editoriais, tal livro somente foi publicado postumamente.

Já a *Terra-Média* não foi uma criação de Tolkien como ele mesmo diz, pois é uma forma de modernização ou de alteração de uma palavra antiga, referindo-se ao lugar onde os Homens habitam.[11] Estes são os principais mundos onde se passam a maior parte das histórias de J.R.R. Tolkien.

Partindo da ideia de que Tolkien criou muitos povos, assim como muitas línguas faladas por cada um deles, nos atentaremos a alguns desses em especial. A partir do universo crido em seus livros, vemos que os povos mais presentes seriam os Elfos, os Homens, os Hobbits, os Magos, os Anões, os Orcs e os Trolls.

---

[11] Informação retirada das *As Cartas de Tolkien* (TOLKIEN, 2006, p.180).

Os Elfos seriam os povos iniciais, os “filhos de Deus”. Foram eles quem nomeavam as criaturas e foram eles, também, que chamavam o Mundo, o Universo de Eä. Eles apelidavam e davam nomes às demais criaturas. Os Homens (que apesar de serem criaturas reais, fazem parte de seu universo), seriam, assim como os Elfos, os “filhos de Deus”. No entanto, eles eram mortais e eram chamados pelos Elfos de “*Dádiva de Ilúvatar* (Deus)”. Esses foram os primeiros povos a habitarem o mundo.

Em seguida, temos os Hobbits, criaturas amadas por Tolkien. Esse povo era “um ramo diminuto da raça humana” (TOLKIEN, 2006, p.384). Existem vários lugares habitados por essas criaturas, como Bri e o Condado. Na história do “The Lord of the Rings” (O Senhor dos Anéis) e do “The Hobbit” (O Hobbit), eles moram no Condado, que era próximo da fronteira das Terras Ermas e, por isso, o seu idioma era muito semelhante ao inglês. O nome “hobbit” foi dado para aqueles que viviam no condado e um dos motivos dessa escolha era a aparência: os pés-peludos[12].

Já os Magos, ou emissários do Verdadeiro Oeste (indiretamente de Deus), são criaturas cuja origem não é detalhada em nenhuma de suas obras, visto que Tolkien desejava que ela fosse “um mistério” (TOLKIEN, 2006, p.184). O pouco que sabemos é que eram criaturas que tinham a aparência de homens velhos, além de serem muito sábias. Sua função principal era a de encorajar os inimigos do mal e usar sua inteligência e valor para resistir e unir. Gandalf era o mais “puro”, e sua função era principalmente a de vigiar os assuntos humanos, incluindo, assim, Homens e Hobbits.

Passamos, então, aos Anões, os Orcs e os Trolls. Os anões não se referem ao que todos conhecemos como “anões verdadeiros” dos contos de fadas, criaturas que seriam “todo boas”. Foram criados por Aulë, que deseja filhos, mas estava impaciente[13] para esperar e, nessa perspectiva, cria os chamados anões.

Já os Orcs foram criaturas geradas pelo Primeiro Inimigo, soldados do Senhor do Escuro, servos do Poder Escuro e, depois, de Sauron. “Barbárvore não diz que o Senhor do Escuro “criou” os Trolls e os Orcs. Diz que ele os “fez” em *imitação* de certas criaturas pré-existentes” (TOLKIEN, 2006, p.184). Não se tem muitos detalhes sobre a criação dos Trolls.

Passando agora para o tópico das línguas faladas entre os povos, utilizamos as palavras de Tolkien:

---

[12] Mais informações podem ser encontradas no Apêndice F do Senhor dos Anéis

[13] Pode-se entrar mais detalhes da criação dos anões em As Cartas de Tolkien (TOLKIEN, 2006, p. 274).

> Tudo isso apenas como pano de fundo para as histórias, embora os idiomas e os nomes sejam para mim inextricáveis das histórias. Eles são e foram, por assim dizer, uma tentativa de fornecer um pano de fundo ou um mundo no qual minhas expressões de gosto linguístico pudessem ter uma função. As histórias foram comparativamente tardias no surgimento (TOLKIEN, 2006, p.206).

Tolkien deu início à criação das línguas quando era pequeno, mas foi somente nos anos de 1912 a 1913, ao descobrir o finlandês e ter seu primeiro contato com o *Old English*, que o autor reiniciou o seu processo de criação das hoje chamadas línguas élficas. Mas foi por volta de 1915 a 1918, quando se feriu durante a Segunda Guerra Mundial, que Tolkien realmente volta o foco para seu antigo projeto. Durante esse período, ele fez a descoberta de que, assim como as lendas dependem do idioma ao qual pertencem, elas, estando vivas, necessitam das lendas para a sua transmissão. Sendo assim, a criação de línguas para os povos das mitologias inventadas por ele seria de grande importância. Para isso, Tolkien utilizou sua facilidade em aprender e seus conhecimentos linguísticos para criar as famosas línguas.

Apesar de ser renomado por sua invenção de novas línguas, Tolkien muitas vezes dizia não ter as criado, pois não se lembrava do que realmente acontecia quando escrevia. Por isso, o que na verdade ele teria feito, foi modificar foneticamente dois idiomas principais. Assim como a mitologia, ele tinha lido muito e tido muito contato com as línguas e mitos nórdicos e, por isso, dizia "recriar" e não criar. Uma vez que muitos desses idiomas, que teve como base, estavam correndo risco de desaparecerem, Tolkien queria trazê-los de volta de alguma forma. Um exemplo desse fenômeno foi o finlandês, que era de pouco falado e era de grande valia para Tolkien, tendo sido a língua de maior influência para a "criação", assim como os contos do *Kalevala*.

Podemos citar aqui algumas das línguas reinventadas por ele, como o Quenya (língua que será discutida com mais detalhes no capítulo 2), *Sindarim, Adûnaic, Westron, Telerin, Doriathrin, Mannish, Nandorin, Old Sindarin, Ilkorin, Avarin, Khuzdul, Iglishmêk, Entish, Black Speech* (falado somente em *Mordor*), *Valarin, Primitive Elvish.* Exemplos de tais línguas podem ser encontrados, mais detalhadamente, no site Helge Fauskanger. O site original se encontra em língua inglesa, mas existe uma versão traduzida para o português autorizada pelo autor. Ambos os sites e o autor serão exemplificados mais detalhadamente no próximo capítulo, quando formos falar sobre a língua élfica Quenya. O nome dos websites são o original[14] Adarlambio, que está em inglês, e sua tradução com o mesmo nome para o português[15].

---

[14] http://folk.uib.no/hnohf/
[15] http://www.ardalambion.com.br/

Após essa breve introdução de quem foi Tolkien e o que ele criou, percebemos que suas produções não foram tarefas simples. O mundo criado por ele possui uma complexidade por si só, pois abrange criaturas novas e até mesmo as já mencionadas em outros mitos, mas que possuíam personalidades e características diferentes. Além disso, cada criatura possui a sua própria cultura e a sua própria língua, elevando ainda mais o grau de complexidade. Portanto, o trabalho linguístico e filológico feito por ele requer bastante atenção em pequenos detalhes, como a fonética e a fonologia de cada língua. Dessa forma, voltaremos o nosso foco para os detalhes pesquisados por ele e como a tradução se faz presente nesse meio.

2 ÉLFICO, TRADUÇÃO E UNIVERSO DIGITAL

Neste capítulo, iremos aprofundar o estudo sobre as línguas criadas por Tolkien, em específico o Quenya e o Sindarin. O objetivo principal será o de investigar as interfaces entre a apresentação dessas línguas e o campo da tradução. Com isso, também iremos apresentar o aplicativo utilizado por nós para a pesquisa: "ElvenSpeak" e o livro "Curso de Quenya: A mais bela língua dos elfos" de Helge Fauskanger (FAUSKANGER, 2011). Nessa perspectiva, dividiremos o capítulo em quatro partes. Nas duas primeiras, serão feitas apresentações dos processos de criação da língua Quenya, analisando algumas especificidades da língua. Nas duas últimas partes, serão apresentados e analisados os meios de difusão tanto das línguas quanto dos mundos criados por Tolkien.

2.1 QUENYA

A discussão presente no capítulo anterior, sobre as línguas, relatava a existência de variados tipos de idiomas criadas por J.R.R. Tolkien. Dessa forma, reservamos esse item para discutirmos melhor a tão famosa língua "Quenya", que pode ser grafada também como Qenya. Mas antes de nos atentarmos para essa língua, devemos lembrar que junto a ela, temos o Sindarin, que também é muito presente nas obras. Por isso, falaremos também um pouco sobre ela.

Tolkien teve seu foco voltado para a criação das línguas por volta do ano de 1915, quando se machucou na segunda grande guerra. A partir de então, ele começou a modelar as línguas élficas. Para a criação destas, ele utilizou idiomas "reais" para servirem de base, sendo um dos principais o finlandês, que é repleto de musicalidade na sua pronúncia. Essa característica fez com que Tolkien o utilizasse como um pilar na hora de fazer o élfico, mas não foi só esse aspecto da língua o primordial, uma vez que a sua estrutura também foi a base de sua criação. Além desse idioma, houve outros dois que Tolkien recorreu como base para a invenção das línguas: o Grego e o Latim. Percebemos que as estruturas arcaicas eram um ponto no qual Tolkien se inspirava, um exemplo disso seria o seu interesse por *Old English*, uma vez que os seus estudos possibilitaram a descoberta do poema já mencionado acima e, nessa perspectiva, o foco na criação das línguas foi retomado.

Além do Quenya temos também o Sindarin, que por sua vez, possui semelhanças na sua estrutura com o Quenya. Tendo somente a influência fonológica do galês na sua criação.

Com a publicação de "*The Hobbit*" (O Hobbit), as pessoas chegam a conhecer um pouco das línguas élficas, mas é só no ano de 1954, quando "*The Lord of the Rings: The fellowship of the Ring*" (O senhor dos anéis: a sociedade do anel) vem a ser publicado, que os leitores têm um contato mais aprofundado com o que Tolkien criou. É nessa obra que existe o maior exemplo de um texto em Quenya. Ele é apresentado no livro dois, capítulo 8 da Sociedade do Anel, quando Galandriel faz seu lamento.

Quadro 1– Lamento de Galadriel

Élfico – Quenya	*Ai! laurië lantar lassi súrinen,* *Yéni únótimë ve rámar aldaron!* *Yéni ve lintë yuldar avánier* *mi oromardi lisse-miruvóreva* *Andúnë pella, Vardo tellumar* *nu luini yassen tintilar i eleni* *ómaryo airetári-lírinen.* *Sí man i yulman nin enquantuva?* *An sí Tintallë Varda Oiolossëo* *ve fanyar máryat Elentári ortanë* *ar ilyë undulávë lumbulë;* *ar sindanóriello caita mornië* *i falmalinnar imbë met, ar hísië* *untúpa Calaciryo míri oialë* *Sí vanwa ná, Rómello vantva, Valimar!* *Namárië! Nai hiruvalyë Valimar.* *Nai elyë hiruva. Namárië.*
Inglês	*Ah! like gold fall the leaves in the wind, long years numberless as the wings of trees! The years have passed like swift draughts of the sweet mead in lofty halls beyond the West, beneath the blue vaults of Varda wherein the stars tremble in the song of her voice, holy and queenly. Who now shall refill the cup for me? For now the Kindler, Varda, the Queen of the Stars, from Mount Everwhite has uplifted her hands like clouds, and all paths are drowned deep in shadow; and out of a grey country darkness lies on the foaming waves between us, and mist covers the jewels of Calacirya for ever. Now lost, lost to those from the East is Valimar! Farewell!*
Português	*Ai, como ouro caem as folhas ao vento, longos anos inumeráveis como as asas das árvores! Os longos anos se passaram como goles rápidos do doce hidromel em salões altos além do Oeste, sob as abóbadas azuis de Varda, onde as estrelas tremem na canção de sua voz, de santa e rainha. Quem agora há de encher-me a taça outra vez? Pois agora a Inflamadora, Varda, a Rainha das Estrelas, do Monte Sempre Branco ergueu suas mãos como nuvens, e todos os caminhos mergulharam fundo nas trevas; e de uma terra cinzenta a escuridão se deita sobre as ondas espumantes entre nós, e a névoa cobre as jóias de Calacirya para sempre. Agora perdida, perdida para aqueles do Leste está Valimar! Adeus! Talvez hajas de encontrar Valimar. Talvez tu mesmo hajas de encontrá-la. Adeus!*

Fonte: Elaborado pela autora a partir do livro "*The Lord of Rings"* (Senhor dos Anéis)(TOLKIEN, 2001) .

No Quadro 1, podemos compreender algumas características de opções tradutórias. É possível perceber esses elementos já na primeira palavra, a partir do uso ou não do ponto de exclamação. Em Élfico a interjeição "*Ai!*" se encontra sinalizada com a exclamação, assim como no inglês "*Ah!*". Na tradução para o português, por sua vez, a pontuação foi trocada para uma vírgula "*Ai,*", mantendo o ponto de exclamação somente no final da frase como no original (élfico) e na tradução para o inglês.

Quadro 2 – Exemplo 1

Élfico – Quenya	*Ai! laurië lantar lassi súrinen, / Yéni únótimë ve rámar aldaron!*
Inglês	*Ah! like gold fall the leaves in the wind, long years numberless as the wings of trees!*
Português	*Ai, como ouro caem as folhas ao vento, longos anos inumeráveis como as asas das árvores!*

Fonte: retirado do lamento de Galandriel

Outro detalhe interessante presente no trecho analisado é o formato do texto. No original, o texto é escrito em forma de poema, mas nas traduções é feita a opção por um texto corrido, em prosa. Há, no entanto, também um paralelismo entre as letras maiúsculas do original para as traduções, como nas palavras a seguir:

Quadro 3 – Exemplo 2

Élfico – Quenya	Inglês	Português
Tintallë	*Kindler*	*Inflamadora*
Varda	*Varda*	*Varda*
Oiolossëo	*Queen of the Stars*	*Rainha das Estrelas*
Elentári	*Mount Everwhite*	*Monte Sempre Branco*
Calaciryo	*Calacirya*	*Calacirya*
Rómello	*East*	*Leste*
Valimar	*Valimar*	*Valimar*
Namárië	*Farewell*	*Adeus*

Fonte: retirado do lamento de Galandriel

Além disso, percebemos que os termos "*Calacirya, Valimar, Varda*" não são traduzidos, provavelmente por se referirem a nomes próprios.

Com a publicação de "The Silmarillion" (O Silmarillion), os leitores tiveram um pouco mais de informação sobre as línguas. Pois como neste livro havia mais mitos e contos sobre os povos, as línguas se faziam mais presentes (TOLKIEN, 2011).

O Quenya ou alto-élfico é uma língua antiga, e foi a primeira a ter um registro escrito. Contudo, não é considerada uma língua nativa para seus personagens fictícios, de uso diário pelos falantes, mas como uma especial para ocasiões importantes como cerimonias, rituais, entoar canções e proclamar poesias. Por isso, ela também é chamada de "latim élfico" (TOLKIEN, 2006, p.26).

Já o Sindarin, ou élfico-cinzento, é uma língua usual e nativa, que foi adotada pelos elfos cinzentos e pelos demais elfos. Foi somente após a Primeira Era que ela começou a ser utilizada como língua falada. Um exemplo da fala em Sindarin pode ser encontrada no Apêndice A do Senhor dos Anéis, na página 1125. A citação abaixo está em Sindarin, traduzido para o português e depois para o inglês.

> *Onen i-Estel Edain, ú-chebin estel anim*[16]
> *Dei Esperança aos dúnedain, não guardei nenhuma esperança para mim*[17]
> *"I gave Hope to the Dúnedain; I have kept no hope for myself"*[18]

Como Tolkien dizia, a base para a criação de línguas é a existência de mitos, contos, histórias nessa língua para que ela persista e exista. Foi a partir dessa ideia que seus livros contêm as histórias e os mitos, principalmente no "*The Lord of the Rings*" (Senhor dos Anéis), pois nele há músicas, poemas, e no Apêndice E se encontra a descrição de como se pronunciar e escrever todos os dados com relação ao Quenya. No "*The Silmarillion*" (O Silmarillion), também existem algumas referências a essa língua, mas em menor quantidade. Christopher Tolkien criou um apêndice nessa obra contendo dados que não estavam em "*The Lord of the Rings*" (Senhor dos Anéis).

Além das obras escritas por Tolkien, já existem outros meios de contato com as línguas criadas por ele. O aplicativo ElvenSpeak, que será o foco da nossa pesquisa, é um exemplo atual de como que com a presença da tecnologia, as pessoas podem ter agora não só com os livros, mas também com um aplicativo que ensina passo a passo a língua élfica: Quenya, a possibilidade de ter um contato maior com esse registro.

---

[16] Citação retirada ambos no Senhor dos Anéis e na versão em inglês
[17] Citação retirada no Senhor dos Anéis, Apêndice A, p. 1125
[18] Citação retirada de "*The Lord of the Rings: the Return of the King*", Appendix A, p. 420

2.2 AMPLIANDO O CONHECIMENTO LINGUÍSTICO SOBRE AS LÍNGUAS ÉLFICAS

Neste item, iremos discutir alguns aspectos linguísticos sobre as línguas élficas a partir do campo da Linguística de Corpus que

> [...] ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador. (SARDINHA, 2000, p.325)

Para tal, utilizaremos duas obras do Tolkien, "Senhor dos Anéis: o retorno do rei" e "O *Silmarillion*", como corpus de pesquisa do português e "*The Lord of Rings*" e "*The Silmarillion*" como corpus do inglês. Para isso, foi utilizado o programa Antconc, que "é um programa que analisa automaticamente textos, caracterizando-se como uma ferramenta que facilita a coleta e a análise de dados" (KADER; RICHTER, 2013, p.21). Nele, rodamos o prefixo "mor", que está presente nas duas línguas criadas por Tolkien: Quenya e Sindarin. Esse prefixo carrega o significado de algo escuro, portanto, está ligado à escuridão. Nessa perspectiva, o objetivo da análise é discutir se esse sentido foi mantido nas palavras contendo esse prefixo.

Iniciemos com quatro exemplos, os quais possuem uma representatividade interessante na obra, pois são nomes de personagens e lugares.

Quadro 4 – Exemplo 3

Mormegil: 13 The sword Anglachel was forged anew for him by cunning smiths of Nargothrond, and though ever black its edges shone with pale fire; and he named it Gurthang, Iron of Death. So great was his prowess and skill in warfare on the confines of the Guarded Plain that he himself became known as Mormegil, the Black Sword	Mormegil: 13 A espada Anglachel foi novamente forjada para ele por habilidosos ferreiros de Nargothrond e, embora sempre negra, seus gumes reluziam com um fogo claro; e ele a chamou de Gurthang, Ferro da Morte. Tão admiráveis eram suas façanhas e seu talento nos com bates nos limites da Planície Protegida, que ele mesmo veio a ser conhecido como Mormegil, o Espada Negra.

Fonte: Retirado do Livro "The Silmarillion" p.250 e "O Silmarillion" p.267

Podemos perceber nesse exemplo, retirado do livro "O Silmarillion", que apesar de ter poucas ocorrências, somente 13, a palavra "Mormegil" faz referência a uma personagem,

sendo o seu "apelido" de Espada Negra, e vemos que todas as referências a ele trazem essa carga de escuridão presente no prefixo da palavra "mormegil".

Quadro 5 – Exemplo 4

Morgoth: 364 The Silmarillion, now published four years after the death of its author, is an account of the Elder Days, or the First Age of the World. In The Lord of the Rings were narrated the great events at the end of the Third Age; but the tales of The Silmarillion are legends deriving from a much deeper past, when Morgoth, the first Dark Lord, dwelt in Middle earth, and the High Elves made war upon him for the recovery of the Silmarils.	Morgoth: 362 O Silmarillion, publicado agora, quatro anos após o falecimento do seu autor, é um relato dos Dias Antigos, a Primeira Era do Mundo. Em O Senhor dos Anéis, foram narrados os grandes eventos do final da Terceira Era; as histórias de O Silmarillion, no entanto, são lendas derivadas de um passado muito mais remoto, quando Morgoth, o primeiro Senhor do Escuro, habitava a Terra-média, e os altos-elfos guerrearam com ele pela recuperação das Silmarils.

Fonte: Retirado do Livro "The Silmarillion" e "O Silmarillion", no início do prefácio.

Podemos perceber que logo no início de "*The Silmarillion*" (O Silmarillion), é descrito uma personagem cujo nome tem o prefixo "mor" e, além de seu nome, ele também é conhecido por "Senhor do escuro", fazendo referência ao significado do prefixo: escuridão.

O mesmo acontece no quadro abaixo. Todas as informações descritas nos livros referente a Moria mantém a relação com o prefixo "mor". Como é exemplificado aqui, "Moria" significaria "Abismo Negro", traduzido do élfico.

Quadro 6 – Exemplo 5

Moria: 92 But Moria is an Elvish name, and given without love; for the Eldar, though they might at need, in their bitter wars with the Dark Power and his servants, contrive fortresses underground, were not dwellers in such places of choice. They were lovers of the green earth and the lights of heaven; and Moria in their tongue means the Black Chasm. But the Dwarves themselves, and this name at least was never kept secret, called it Khazad-düm, the Mansion of the Khazaˆd; for such is their own name for their own race, and has been so, since Aulë gave it to them at their making in the deeps of time.	Moria: 59 Mas Moria é um nome élfico, conferido sem amor, pois os eldar, apesar de serem capazes de criar fortalezas subterrâneas quando fosse necessário, como em suas amargas guerras contra o Poder Escuro e seus servidores, não habitavam tais lugares voluntariamente. Eram apreciadores da terra verde e das luzes do firmamento, e Moria, em sua língua, significa o Abismo Negro. Mas os próprios anões, e esse nome ao menos jamais era mantido em segredo, chamavam-na Khazad-düm, a Mansão dos Khazad, pois é esse o nome que dão à sua própria raça, e assim tem sido desde que Aulé o conferiu quando de sua criação nas profundezas do tempo.

Fonte: Retirado do livro "*The Lord of the Rings: The return of the King*" p. 521, e "O Senhor dos Anéis: O retorno do rei", página 1200-1201.

Quadro 7– Exemplo 6

Mordor 191	Mordor 171
Day was coming again in the world outside, and far beyond the glooms of Mordor the Sun was climbing over the eastern rim of Middle-earth; but here all was still dark as night. The Mountain smouldered and its fires went out. The glare faded from the cliffs. The easterly wind that had been blowing ever since they left Ithilien now seemed dead. Slowly and painfully they clambered down, groping, stumbling, scrambling among rock and briar and dead wood in the blind shadows, down and down until they could go no further.	O dia chegava mais uma vez no mundo lá fora, e bem distante da escuridão de Mordor o sol escalava a borda leste da Terra-média; mas ali onde estavam tudo ainda era escuro feito noite. A Montanha se apagou e suas chamas se extinguiram. O clarão desapareceu dos penhascos. O vento leste que estivera soprando desde que os dois hobbits partiram de Ithilien agora parecia morto. Com lentidão e sofrimento, foram descendo, tateando, tropeçando, cambaleando em meio a pedras, espinheiros e madeiras mortas nas sombras cegas, cada vez mais para baixo, até que não conseguiram mais avançar.

Fonte: Retirado do livro "*The Lord of the Rings: The return of the King*" p. 228, e "O Senhor dos Anéis: O retorno do rei" p.917

Podemos perceber que a descrição do lugar onde se encontra Mordor está envolto a escuridão, mantendo também esse sentido carregado pelo prefixo. Além do prefixo "mor", que significa escuro, a palavra "Mordor" tem o sufixo "dor" que tem o sentido de terra, ou seja, ela já carrega em si o significado de "Terra da escuridão".

A partir dessa análise, podemos perceber que a Linguística de *Corpus* foi de grande auxílio para comprovar que os prefixos élficos tiveram o seu sentido original mantido no decorrer do texto. Apesar do *corpus* utilizado não ter sido com todas as obras produzidas por Tolkien que já foram traduzidas, percebemos que a sua recorrência ainda é relevante. Portanto, é importante para o nosso trabalho, pois além de exemplificar essa singularidade reconhecida da língua, o tradutor teve o cuidado de manter o que foi sugerido pelo autor.

Essa preocupação é uma característica presente nas traduções de Tolkien, pois essa manutenção do sentindo proposto pelos afixos da língua élfica mostra que ela tem uma certa regularidade, o que o aplicativo utilizado por nós também mostra. Esse padrão será analisado mais à frente em nosso trabalho. Portanto, podemos perceber que o aplicativo também pode ser considerado um *corpus,* por mostrar não só essa regularidade presente na língua Quenya, como também um grande número de exemplos.

2.3 ÉLFICO EM 32 BITS

Como discutido anteriormente, as obras de J.R.R. Tolkien foram traduzidas para diversas línguas e também adaptadas para diferentes meios. Com as adaptações, principalmente, para o cinema, a visibilidade da língua é mais presente.

Os filmes não só difundiram o que Tolkien escreveu, como também o que ele criou. A Terra-média ganhou um novo público, que possui uma compreensão diferente de seus leitores. O interesse em aprender a tão famosa língua élfica ficou ainda maior. Nessa perspectiva, diversos sites, livros e aplicativos foram criados para levar aos fãs e estudiosos mais conhecimento em tudo criado por Tolkien.

Um grande exemplo disso são os sites como a Tolkien Society e a Tolkien Brasil, websites que divulgam eventos, artigos, livros, filmes e todo o tipo de novidade relacionado com o Tolkien. A partir disso, também temos blogs que discutem as criações das línguas em específico, um exemplo seria o Adarlambio, um site que introduz as línguas criadas pelo Tolkien. Ele já foi traduzido para o português brasileiro com o mesmo nome e, também, publicado em português em forma de livro chamado "Curso de Quenya". O criador da página autorizou a tradução para o site e para a publicação da tradução em livro.

Além dos exemplos já citados, temos o que será foco para nós, o aplicativo ElvenSpeak. Ele é composto por quatro abas principais: Data, Elven Poker, Dicionário, Biblioteca e Mais (Anexo C). Na aba "Data", pode-se selecionar uma data e ele vai gerar a data em élfico. Na "Elven Poker", o usuário encontra um jogo de pôquer em élfico. O "Dicionário" permite a busca do significado de expressões não compreendidas nos exemplos. Contudo, é na aba "Mais" que é possível encontrar uma explicação mais clara de cada uma das abas. E por fim, temos a "Biblioteca", sendo que nela encontramos quarenta abas subsequentes divididas em Introdução, vinte Lições - uma para cada - Respostas, Apêndice, Vocabulário, Números, Sobre a Escrita, Alfabeto, Sobre a Astronomia, Anatomia, Cores, Roupas, Fauna, Flora, Topografia, Materiais, Utensílios (como ferramentas e armas), Prédios, Conversação, Estações e Comida[19].

No Anexo D, podemos encontrar um *print* da aba "Números" do aplicativo. Lá se encontram descritos todos os números em grafia e por extenso. Além disso, há uma pequena introdução de como o sistema numérico élfico funciona.

---

[19] Todos os títulos das abas são de tradução nossa.

Na aba “Introdução” (Anexo E), encontramos uma explicação geral do aplicativo. Nessa parte, temos uma introdução do Tolkien, falando sobre o processo de criação do Quenya e do Sindarin, explicando um pouco mais sobre as línguas e o porquê de estudar o Quenya. O autor também aborda o descarte dos direitos autorais, as fontes utilizadas, um esclarecimento sobre o corpus utilizado e das convenções da escrita do élfico: o alfabeto (Anexo F).

Esse aplicativo teve como base, além dos livros escritos por Tolkien, o livro Curso de Quenya, que também está disponível online no site original Adarlambio (Anexo G), do autor Helge Kare Fauskanger. Portanto, quando falarmos Curso de Quenya, estamos nos referindo a ambos, pois o livro é uma tradução publicada do conteúdo do website, autorizada pelo autor.

O Dicionário (Anexo H) presente no aplicativo possui ferramentas de busca parecidas com a de um dicionário online. Além disso, a forma de aprender a conversação, com o aplicativo, é feita a partir de repetição de frases já formuladas, como em um método de aprendizado de língua. Isso pode ser encontrado na aba Conversação (Anexo I).

Portanto, percebemos que é a partir dessas iniciativas, como a da criação de um aplicativo e de um site, que se encontram os primeiros esforços tradutórios com relação ao élfico dos falantes de língua inglesa. O conteúdo do livro não precisou desse esforço, devido ao fato de ter sido escrito, primeiramente, em inglês. Por outro lado, os falantes do português tiveram o esforço tradutório já na publicação das obras.

2.4 INTERFACES TRADUÇÃO/CULTURA/UNIVERSO DIGITAL

Neste item, iremos discutir sobre como a língua élfica é abordada no aplicativo *ElvenSpeak*. O website da *Tolkien Society* também contém diversos links que guiam para o aprendizado das línguas élficas (*TOLKIEN SOCIETY, 2016)*.

De início, temos a *Tolkien Society*, um website composto por um público alvo que vai desde os fãs da obra, até especialistas em “Tolkien”. Para se tornar um membro, é preciso pagar em torno de 30 libras ao ano. Nele, estão presentes diversos hiperlinks, que levam o leitor a conhecer mais sobre o Tolkien, as obras escritas por e sobre ele, eventos, artigos sobre o autor e sobre as línguas. Existe uma aba chamada “Education[20]”, que contém três hiperlinks com vários outros links que levam o leitor a sites que irão discutir sobre as línguas criadas por Tolkien.

[20] Educação (tradução nossa)

A *Tolkien Society* é um website inglês, portanto, somente falantes da língua inglesa conseguem ler as informações. Algo mais similar a esse website aqui no Brasil (em português) seria a Tolkien Brasil, sendo que nele existem arquivos e discussões similares, como fóruns, eventos, artigos (TOLKIEN BRASIL, 2016). Ele pode ser encontrado como um hiperlink na *Tolkien Society*.

Além da Tolkien Brasil, encontra-se também um website chamado "Adarlambio", cujo o criador é Helge Kare Fauskanger, filólogo norueguês, escritor do livro "Curso de Quenya", um dos primeiros e mais completos livros que ensinam a língua élfica Quenya.

O website Adarlambio do Helge Kare Fauskanger, como o próprio autor diz, é "*one of the most comprehensive sites about Tolkien's invented languages that you are likely to find on the net*"[21] (GRUPO VALINOR, 2016). Neste site, existem explicações sobre as línguas criadas pelo Tolkien e um link para o Curso de Quenya, que está disponível online e de graça para quem quiser fazer download e estudar a língua. Além do website, Helge Kare Fauskanger, como citado acima, escreveu um livro sobre esse curso. O livro possui uma tradução para o português "Curso de Quenya", dando aos leitores brasileiros, falantes do português, o acesso a essa língua. O tradutor do livro é Gabriel Oliva Brum, membro do "Grupo Valinor". Ademais, esse grupo possui um site com o mesmo nome, sendo que ele relata informações sobre o Tolkien, desde as línguas, livros, filmes, biografia a artigos. Além do Adarlambio, em inglês, existe uma versão em português, que é uma tradução autorizada pelo autor. Este site se dedica a divulgar estudos realizados sobre as línguas inventadas por J.R.R. Tolkien. Ele é de criação do Grupo Valinor,

A Tolkien Brasil é um website com propósitos parecidos com a Tolkien Society e o Grupo Valinor, uma vez que ela está repleta de hiperlinks que levam o leitor a ter contato com o mundo do Tolkien, como artigos falando sobre seus livros, sobre Tolkien, contos, notícias de eventos, sobre o ensino do élfico e vídeos. Um mundo de informação sobre o mundo criado por Tolkien (TOLKIEN BRASIL, 2016).

Após todos esses meios de contato, além dos livros escritos por Tolkien, referências às línguas élficas são também encontradas no aplicativo "ElvenSpeak". Este aplicativo está disponibilizado para usuários que possuem aparelhos da marca *Apple* e existem duas versões: uma grátis, com exercícios, exemplos, jogos, dicionários e lições; e uma versão paga, "ElvenSpeak Pro", com um valor em torno de 1.99 dólares, contendo mais exercícios, flesh

[21] Um dos poucos websites mais completos sobre as línguas inventadas por Tolkien que você irá encontrar na internet" (tradução nossa).

cards e “writings”. O alcance desse aplicativo se restringe mais, já que ele só tem a versão em língua inglesa.

Como podemos notar, tudo o que temos como primeiro contato e difusão da língua élfica está em inglês, restringindo muito o campo de alcance. Contudo, isso já vem se expandido, uma vez que o livro mencionado acima e o próprio Adarlambio tem uma tradução para o português.

A partir disso, vemos que esses websites, livros e aplicativos são as primeiras tentativas de tradução da língua élfica. Por mais restrito que alguns desses sejam, uma expansão e uma divulgação está começando a aparecer.

Se pensarmos que as obras de Tolkien tiveram muitas traduções vendendo mais de milhões de cópias[22], existe uma grande quantidade de fãs espalhada pelo mundo que está disposta a buscar por mais informações sobre o que autor criou. Um exemplo disso são as inúmeras “sociedades do Tolkien”, que estão listadas na Tolkien Society espalhadas pelo mundo. Nesses sites, são sempre postadas novas informações e existem leitores prontos para recebê-las.

Nesse sentido, focando na tradução das línguas élficas, com exceção dos falantes de inglês, todo outro leitor tem contato com uma terceira tradução. Pegamos os leitores brasileiros como exemplo, um falante do português tem acesso ao texto em élfico e a nota de roda pé traduzida para o português, sendo que ela originalmente estava em inglês. O leitor de língua inglesa só terá acesso a essa informação, contudo, o de língua portuguesa, do ponto de vista do tradutor, teria de prestar atenção nos detalhes das frases e se o que está escrito em élfico está necessariamente direcionado com o que está escrito em inglês.

Resumindo, o texto em português passa por três critérios de tradução: a percepção de se a frase traduzida do élfico para o inglês e do inglês para o português terá o mesmo resultado com a traduzida direto do élfico para o português.

---

[22] Dados retirados de pesquisas na internet. ANDRADE, J. Guia da Semana – São Paulo. Notícias. **Os 13 livros mais vendidos da história**, 05 jan. 2015. Disponível em < http://www.guiadasemana.com.br/em-casa/noticia/os-13-livros-mais-vendidos-da-historia >. Acesso em: 10 ago. 2016.
.

Quadro 8– Exemplo 7

Inglês	Português
'Utúlie'n aurë! Aiya Eldalië ar Atanatári, utúlie'n aurë! The day has come! Behold, people of the Eldar and Fathers of Men, the day has come!'	Utúlie'n aurë! Aiya Eldalië ar Atanatári, utúlie'n aurë! O dia chegou! Vejam, povo dos eldar e pais dos homens, o dia chegou!
'Auta i lómë! The night is passing!'	- Auta i lómë! A noite está passando!

Fonte: retirada do Livro "The Silmarillion" p.225 e "O Silmarillion" p.240.

Percebemos aqui que a frase em Quenya se mantém a mesma tanto em português como em inglês. Isso irá acontecer também nos filmes, pois nas partes onde a fala está em élfico, haverá a necessidade de legenda para o filme em original (inglês). A exemplo disso, seguem as Figuras 1 e 2 de *prints* feitos por nós da mesma cena do filme, sendo que na primeira o áudio está em inglês e, na segunda, o áudio foi dublado.

Figura 1– Cena Senhor dos Anéis sem legenda programada

Fonte: filme "O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel" tempo: 1:20:13

Nessa cena, percebemos que mesmo com o áudio em inglês e mantendo as configurações iniciais do filme "sem legenda", no momento em que o diálogo é falado em língua élfica, as legendas são habilitadas automaticamente, pois o sentido do que é dito é importante para a compreensão do filme.

Figura 2– Cena Senhor dos Anéis sem legenda programada

Fonte: filme “O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel” tempo: 1:20:13

Essa imagem é a mesma da que foi apresentada anteriormente, com uma única diferença nas configurações iniciais: o áudio foi configurado para o inglês – assim como na anterior – contudo a legenda estava em português. Com isso, vemos que a única legenda apresentada é em português, sem a presença de uma segunda legenda automática para a língua inglesa.

Na figura 3, temos mais um exemplo elucidativo do que é dito acima. Essa figura foi retirada a partir de um *print* efetuado no website IMSDB, onde é possível encontrar diversos roteiros de filmes, dentre os quais o da trilogia do Senhor dos Anéis. Nela, podemos notar a indicação de que, na referida cena, se fará necessária uma legenda na língua fonte (inglês), pois os atores estarão falando em Quenya.

Figura 3[23] – Print do roteiro da cena do Senhor dos Anéis

EXT. RIVENDELL WATERFALL -- NIGHT
Strider and Arwen stand upon a stone bridge...the Evenstar at Arwen's breast shines in the moonlight.

ARWEN
(Elvish: with subtitles)
Renech I lu I erui govannem?
Do you remember when we first met?[24]

STRIDER
(Elvish: with subtitles)
Nauthannim I ned ol reniannen.
I thought I had strayed into a dream.[25]

Fonte: Roteiro do filme "*The Lord of the Rings: The fellowship of the Ring*".

Por isso, podemos considerar que o trabalho feito pelos tradutores tanto nos filmes quanto nos livros foi de duas maneiras: a tradução da legenda pode ter sido direta do inglês para o português ou do élfico para o português, acontecendo da mesma maneira nos livros. Ou seja, o espectador do português brasileiro pode receber a informação da tradução da tradução.

O papel do tradutor nesse momento é muito importante, pois é preciso manter uma coerência em qual opção optar. Um exemplo disso está no caso da pesquisa da linguística de corpus citada, que exemplifica que a carga semântica do sufixo "mor" foi mantida ambos em português como em inglês. Contudo, será que o tradutor se conscientiza de que a tradução do inglês para o português poderia implicar na tradução reversa, do português para o élfico? Será que essa tradução se manteria a mesma?

O que demostramos aqui, por meio do lamento de Galandriel, é que tal texto fora originalmente escrito pelo autor em Quenya e traduzido por ele próprio para o inglês. Contudo, quando vemos a tradução para qualquer outra língua, como a exemplo o português brasileiro, a disposição como é feita no livro dá a entender que a tradução teria sido feita do élfico para o português. No entanto, o cenário mais provável é que a tradução tenha sido feita do inglês (traduzido por Tolkien) para o português.

Isso também acontece na legenda do filme. O tradutor recebe o roteiro com os dois textos, em Quenya e em inglês. Entretanto, a tradução é feita somente a partir de uma língua

[23] Dados disponíveis em: <http://www.imsdb.com/scripts/Lord-of-the-Rings-Fellowship-of-the-Ring,-The.html> Acesso em: 10 ago. 2016.
[24] Lembra-se de quando nos conhecemos? (tradução da legenda do filme).
[25] Achei que tinha começado a sonhar. (tradução da legenda do filme).

fonte. Ou seja, o tradutor não trabalha com a possibilidade de uma tradução reversa, do élfico para o português, de forma a conferir se teria o mesmo significado daquela feita do Quenya para o inglês.

Uma nota importante que devemos ressaltar aqui é que quando falamos em tradução do Quenya para o inglês, sabemos que na verdade se trata de uma pseudotradução feita por Tolkien, pois foi ele quem criou esse universo e também as línguas nele faladas. Apesar de sabermos disso, Tolkien escreve como se ele tivesse traduzido a obra. No Apêndice F, ele inicia o tópico "Da tradução" com a apresentação de que a história foi retirada do Livro Vermelho.

> Ao apresentar a matéria do Livro Vermelho como história para ser lida por pessoas da atualidade, a totalidade do ambiente linguístico foi traduzida, até onde isso era possível, em termos de nossos tempos. Apenas os idiomas alheios à Língua Geral foram mantidos em suas formas originais, mas essas aparecem principalmente em antropônimos e topónimos. (TOLKIEN, 2001, p.1196)

Mas o que seriam Pseudotraduções? Uma definição adequada para o termo pode ser encontrada na Enciclopédia Routledge de Tradução, em que Anton Popovich irá exemplificar.

> Um autor pode publicar sua obra original como uma tradução fictícia, [ou pseudo] tradução para ganhar um público amplo, portanto fazendo uso das expectativas dos leitores. O autor tenta utilizar a crescente popularidade da 'tradução' para empreender seu próprio programa literário. (BAKER, 1996, p.183).

Como podemos perceber, pseudotradução é a publicação de um texto original como sendo uma tradução, para que o autor ganhe público alvo distinto. Isso se faz comum nas obras de Tolkien, como bem retrata Dircilene Fernandes Gonçalves em sua dissertação de mestrado apresentada na Universidade de São Paulo (USP): "Pseudotradução, Linguagem e fantasia em O Senhor dos Anéis, de J.R.R. Tolkien".

> Assim, não é tão espantoso que Tolkien tenha deixado para o final a explicação de sua posição como tradutor. Depois de colocar em sua estória elementos suficientes para dar a ela uma credibilidade capaz de aproximá-la da possibilidade Histórica, ele aumenta ainda mais essa possibilidade conferindo concretude a suas fontes através da "tradução". (GONÇALVES, 2007, p. 86)

Tendo sido o trabalho feito por ele uma tradução do Livro vermelho que ganha credibilidade a Tolkien por sua especificidade e detalhamento no decorrer das obras. Sendo isso apenas um dos aspectos relevantes de Tolkien como tradutor. Aspectos no qual serão estudados em uma ocasião futura.

3 ANÁLISE, TRADUÇÃO E CULTURA

Neste terceiro capítulo, iremos entrar em uma discussão mais teórica, partindo do que foi apresentado anteriormente nas teorias de Itamar Even-Zohar. De início, será dado um foco na Teoria dos Polissistemas e como ela pode ser analisada no universo Tolkien e suas línguas (EVEN-ZOHAR, 1990; 2013). Em um segundo ponto, iremos trabalhar uma outra teoria de Even-Zohar, Cultura como bens e Cultura como ferramentas, e como ela pode ser abordada no que vem sendo discutido por nós (EVEN-ZOHAR, 2010). Para finalizar, faremos uma análise mais aprofundada do material pesquisado, centrada nas traduções entre as línguas portuguesa e inglesa, além de finalizarmos a hipótese já introduzida de pseudotradução.

3.1 POLISSISTEMA

O conceito de sistema foi inicialmente abordado pelo Formalismo Russo nos anos de 1920, tendo sido abordado também em conceitos da escola de Praga. No entanto, foi o teórico israelense Itamar Even-Zohar que, no final dos anos de 1970, aplicou tal noção à tradução, por meio da Teoria dos Polissistemas.

Antes de entramos diretamente na Teoria dos Polissistemas, temos que pensar o que levou qualquer pesquisador da época a mudar o foco principal nos interesses da tradução. Esse evento é chamado de Virada Cultural. Com a queda do muro de Berlim em 1989 e o fim da Guerra Fria, o mundo bipolar se desfez e isso contribuiu diretamente para os Estudos da Tradução. A partir de um mundo em “paz”, o fluxo de intercâmbio entre culturas começou a aumentar. Portanto, a procura por livros de outros países cresceu e isso fez com que o número de textos traduzidos aumentasse, contribuindo para a Tradução.

Com isso, o interesse por uma interdisciplinaridade nos Estudos da Tradução começa a crescer durante os anos 80 e 90. Inicialmente, o foco principal dos Estudos da Tradução sempre foi o campo da Literatura Comparada e da Filosofia. Entretanto, com a Virada Cultural, isso começa a mudar, pois campos diferentes começam a ser pesquisados e procurados, como o da informática.

A Literatura Traduzida sofre uma grande influência nessa época, já que esses acontecimentos influenciam as pessoas a procurem por culturas diferentes, e os livros são formas de ter esse contato. Nessa perspectiva, para não precisarem ler uma obra em um

idioma distinto, procuram o livro em sua língua– pois ler em sua língua materna é mais confortável até mesmo para um leitor fluente.

Percebemos, portanto, que desde essa época, a procura pelo conhecimento do outro vem crescendo. Isso é perceptível quando não só temos obras escritas pelo Tolkien, mas também livros, sites e um aplicativo criados a partir desse autor e desse mundo criado por ele.

Isso mostra que cada vez mais as pessoas procuram por praticidade. Por exemplo, para lermos os sites, precisamos estar conectados à internet, termos um computador – o que muitas pessoas ainda não têm. Além disso, os livros são muitas vezes caros e podem ser pesados para carregar. Agora, com a criação de um aplicativo que não possui custo e que não necessita de conexão para o acesso, há uma facilidade para aqueles que procuram uma forma rápida e prática de aprender o Quenya. O único ponto negativo seria a sua disponibilidade somente em inglês e para aparelhos Apple. Contudo, quanto maior a procura, maior a possibilidade de criarem a versão para Android e Windows.

Depois dessa rápida introdução do que foi essa Virada Cultural nos Estudos da Tradução, podemos focar novamente no Teoria dos Polissistemas. Em sua obra "Polysystem Theory", publicada inicialmente em 1979, Even-Zohar explica porque se utiliza o termo "sistema" ao invés de "conglomerados", pois "sistema" seria uma rede de relações estáticas, na qual o valor de um item está ligado com sua entrada, tendo, portanto, uma organização entre si. Já o "conglomerado" não possui tal organização, podendo deixar de mostrar as relações existentes entre os itens que o compõe.

Pensando nisso, o sistema pode abordar tanto a diacronia e a sincronia, como também pode abordá-las separadamente. Foi a partir desse pensamento, de que um sistema pode não ser mais homogêneo, que Even-Zohar propõe o sistema como não sendo apenas único, mas sim um "*poli* sistema" (polissistema).

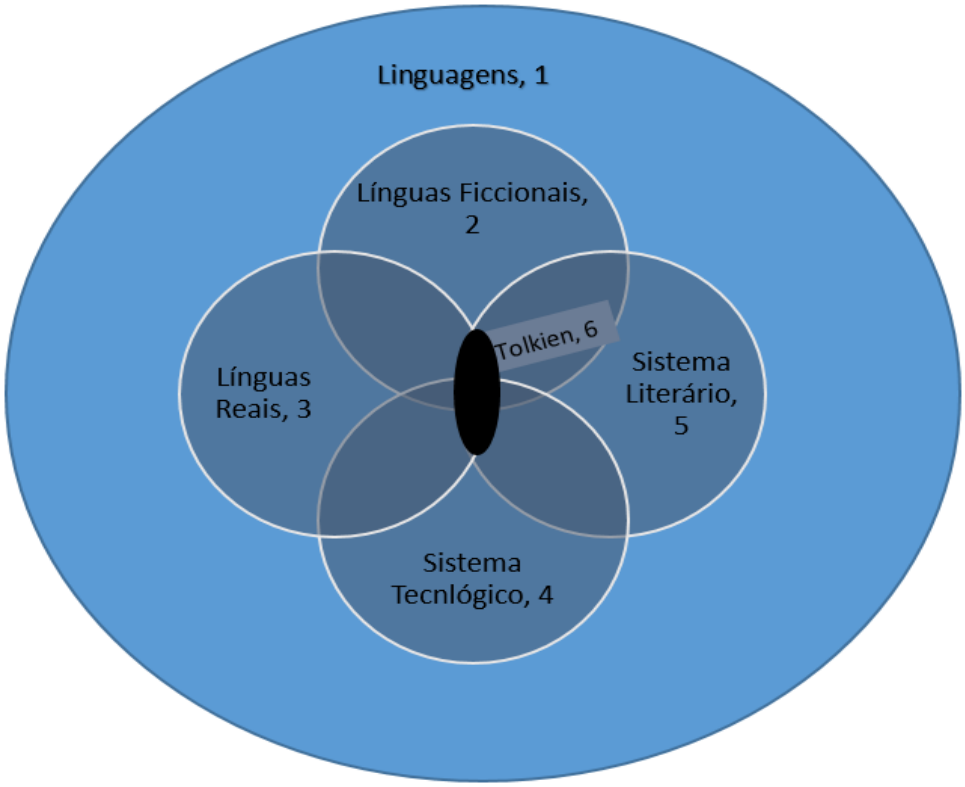
Esse polissistema seria um sistema múltiplo, um sistema com vários outros interagindo entre si, usando maneiras diversas para funcionar, além de funcionarem como um só, sendo interdependentes entre si. Ou seja, tentando evidenciar o diálogo existente entre cada sistema, sua multiplicidade e seu caráter diacrônico, nas palavras de Even-Zohar

> […] on the one hand a system consists of both synchrony and diachrony; on the other, each of these separately is obviously also a system. Secondly, if the idea of structuredness and systemicity need no longer be identified with homogeneity, a semiotic system can be conceived of as a heterogeneous, open structure. It is, therefore, very rarely a uni-system but is, necessarily, a polysystem--a multiple system, a system of various systems which intersect with each other and partly

> overlap, using concurrently different options, yet functioning as one structured whole, whose members are interdependent (EVEN-ZOHAR, 1990, p.11)[26].

É sob essa perspectiva que podemos ver como a língua Quenya se comporta dentro do universo que estamos abordando. Partindo do pressuposto de que Tolkien se encontraria como o centro dos sistemas, ligados a ele temos: o sistema literário, o tradutório, o cinematográfico, o linguístico, o tecnológico e o próprio sistema das línguas. Elas se ligam também aos sistemas linguístico, tradutório, cinematográfico – no literário ela poderia se conectar, mas estando mais próximo do centro do que da periferia. No sistema tecnológico, ela se relaciona quando pensamos na existência do aplicativo, sites etc. Ou seja, a partir das definições dadas, pensamos agora na teoria proposta pelo autor, que foca na análise de cada sistema interagindo entre si, dentro de um sistema maior. Para esclarecer melhor, veja a figura abaixo, nela podemos perceber a ideia de interação existente mais clara.

Figura 4 – Imagem explicativa sobre a relação polissistêmica



Fonte: Elaborado a partir dos trabalhos dos autores.

[26] [...] por um lado, um sistema se consiste em tanto sincronia e como diacronia; e por outro, cada um deles separado é também um sistema. Em um segundo momento, se a ideia de estruturação e sistematicidade não precisa mais ser identificado como homogêneo, um sistema semiótico pode ser entendido como heterogêneo, uma estrutura aberta. Portanto, é muito raro um uni-sistema, mas é necessariamente um polissistema – um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas que interagem entre si e se sobrepõe parcialmente, usando ao mesmo tempo opções diferentes, ainda assim funcionando como um conjunto estruturado, no qual os componentes são interdependentes (tradução nossa).

Vemos que existe uma relação entre todos os sistemas descritos acima. Começamos por Linguagens, vamos chamá-lo de número 1. Este é o maior campo presente analisado, que engloba todos os tipos de linguagens, dentro dele temos as Línguas Ficcionais– 2 –, as Línguas Reais – 3 –, o Sistema Literário – 4 – e o Sistema Tecnológico – 5.

A relação existente entre eles ocorre da seguinte maneira com o 1. Os sistemas 2 e 3 já se enquadram no grupo de línguas, mesmo que 3 não seja real – utilizada diariamente na vida das pessoas – ela ainda tem um propósito, que é o de levar o conhecimento do mundo inventado por Tolkien. No 4, são todos os tipos de literatura, linguagem literária utilizada como forma de prender atenção do seu leitor, a própria obra produzida pelo autor. E o 5, que parece ser o mais distante, é a linguagem de computação, ou seja, a linguagem binária (1:1:0) e está ligada nas configurações de programação, como a do aplicativo, por exemplo, ou de qualquer máquina programada para ter linguagem.

Além disso, existem as relações entre cada um deles. Por exemplo, no 2 com o 3, o 2 faz uso de algumas regras de 3 na sua construção para a sua existência, ou seja, quando ocorre o processo de formação de uma língua, suas regras têm por base as já existentes. Na relação entre 3 e 4, podemos pensar, por exemplo, em métodos de ensino como aplicativos, ou qualquer meio de comunicação eletrônico. O 4 e o 5 se relacionam da seguinte maneira: pegamos os aplicativos citados anteriormente, *GoodReads* e *Skoob,* ambos difundem informações de livros, por exemplo. Além deles, podemos pensar em qualquer blog que tem o propósito de informar obras já existentes ou até mesmo produções pessoais, e em – o que está bem famoso no século XXI – *e-reader,* que compila os famosos e-Books.

Percebemos que Tolkien, 6 se relaciona com todos eles, a qual se dá por 3 ser base de criação para 2; 5 é onde suas obras se inserem, seja por suas produções ou algo produzido sobre ele; e 4 na divulgação de tudo criado por ele, seja por filmes, aplicativos ou sites.

A imagem retrata um trecho em destaque em preto e esse é o ponto em que estamos estudando neste trabalho, essa relação entre os 6 sistemas descritos. É nessa perspectiva que percebemos a relação dinâmica entre cada sistema, quando se encontra em posição central e quando se encontra em posição periférica, um grande polissistema.

Portanto, como o teórico disse, esses polissistemas são dinâmicos, existindo um movimento em suas interações, por isso em certos momentos alguns destes se encontram em posição periférica ou central. Ou seja, alguns sistemas irão ocupar a posição central quando o objetivo principal for um determinado sistema, deixando os outros na periferia, mas não sendo eles menos importantes. Por exemplo, quando o meu foco está nos filmes – Sistema Tecnológico –, as línguas – Línguas Inventadas –, as obras – Sistema Literário – se encontram

na periferia, mas havendo sempre uma movimentação e uma interação entre eles, pois os filmes retratam uma adaptação do que se encontra nos livros e um pouco das línguas. Even-Zohar descreve esse processo:

> However, with a polysystem one must not think in terms of *one* center and *one* periphery, since several such positions are hypothesized. A move may take place, for instance, whereby a certain item (element, function) is transferred from the periphery of one system to the periphery of an adjacent system within the same polysystem, and then may or may not move on to the center of the latter. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.14)[27]

Vejamos outro exemplo, o aplicativo ElvenSpeak, quando o leitor tem seu foco voltado para o aprendizado da língua, o sistema tecnológico - e dentro dele se encontra não só o aplicativo, mas também os sites que tem por objetivo o ensino do Quenya – ocupa a posição central do polissistema "Tolkien". Pois nele encontramos informações mais condensadas do que nos livros. Agora, se o objetivo do leitor for ampliar seu conhecimento sobre a história criada por Tolkien, podemos pegar o sistema literário – quando o ponto de vista é dos livros – ou até mesmo o sistema cinematográfico (tecnológico) – quando o ponto de vista é dos filmes. Não há, portanto, um sistema que seja mais importante do que o outro. É importante lembrar que esse movimento é constante, pensando não somente nos sistemas entre si, mas nas influências externas, como os "fãs", pois eles surgem a cada dia, e podem vir de "fontes diferentes". Por exemplo, alguns podem conhecer Tolkien pelos livros, outros pelos filmes, outros pelos sites e pelo aplicativo; ou há até mesmo aqueles que souberam da língua élfica, mas não sabem a origem e procuram por informação. Portanto, temos uma diversidade de leitores com posicionamentos distintos, podendo até criar um novo sistema e assim por diante.

Após essas exemplificações, vamos pensar agora sobre como a Teoria dos Polissistemas se relacionaria com a tradução. A partir da concepção de polissistema apontada, podemos tentar responder a pergunta feita no item 2.4, (Contudo, será que o tradutor se conscientizou de que a tradução do inglês para o português implicaria na tradução reversa, do português para o élfico, essa tradução se manteria a mesma?). O que queremos dizer com isso, seria o primeiro ponto.

Quando lemos Tolkien, por exemplo, a obra "*The Hobbit*" (O Hobbit), não estamos simplesmente lendo um único livro, pois a história criada nele se liga ao "*The Lord of Rings*"

---

[27] No entanto, em um polissistema não deve-se pensar que *um* está no centro e *um* está na periferia, sendo que tais posições são hipóteses. Um movimento pode existir, por exemplo, um certo item (elemento, função) é transferido da periferia de um sistema para a periferia de um sistema adjacente, dentro do mesmo polissistema e podem ou não se mover para o centro do próximo. (tradução nossa)

(Senhor dos Anéis), ao "*The Silmarillion*" (O Silmarillion) e a qualquer outro livro escrito por ele. Mesmo não sendo a mesma história, existem detalhes comuns entre elas que as relacionam – como a Terra Média. Mas pensar além do campo literário, é possível ampliar esse universo. Selecionamos um público que teve o seu primeiro contato com Tolkien a partir dos filmes. A concepção e a compreensão do que foi criado por Tolkien será diferente, uma vez que o seu entendimento do que Tolkien criou virá da interpretação de alguém, ou seja, ele pode chegar a conclusões diferentes que alguém que leu o livro antes de assistir ao filme. Mas por que estamos dizendo isso? Lembramos que o mundo da Terra-média não foi a única coisa proposta por Tolkien, mas o grande detalhe: as línguas! Nos livros, os leitores podem obter um maior conhecimento do que elas são pelos Apêndices, já os telespectadores têm o contato com a fala de cada personagem a partir de uma legenda.

Com isso, temos dois tipos de público, aquele dos livros e aquele dos filmes. Ambos podem ter um interesse pelas línguas e procuram por mais conhecimento, algo que pode ser encontrado nos websites e nos livros – como o Curso de Quenya, já mencionado – e o aplicativo ElvenSpeak. Esse público pertence a sistemas diferentes, dentro de um polissistema maior, que está dentro de outro polissistema e, quando buscam o aprendizado da língua, irão pertencer a um outro sistema. Por esse motivo, Even-Zohar (1990) argumenta que por haver situações como a mencionada, o termo polissistema não seria suficiente, por isso a necessidade de ser chamado "mega-polissistema"

> Just as an aggregate of phenomena operating for a certain community can be conceived of as a system constituting part of a larger polysystem, which, in turn, is just a component within the larger polysystem of the "total culture" of the said community, so can the latter be conceived of as a component in a "mega-polysystem," i.e., one which organizes and controls several communities." (EVEN-ZOHAR, 1990, p.23-24)[28]

Portanto, o "mega-polissistema" seria composto pelo polissistema literário, o polissistema Tolkien, o polissistema linguístico, o sistema tecnológico e assim por diante.

Após toda essa discussão, pensamos agora no aplicativo, que foi criado com o propósito de levar às pessoas o conhecimento da língua élfica: Quenya. Ele tem por base os textos escritos por Tolkien e, por isso, seria como um disseminador do que Tolkien criou.

---

[28] Tal como um conjunto de fenômenos operando para uma certa comunidade pode ser pensado como um sistema que constitui uma parte de um polissistema maior, no qual, por sua vez, é apenas um componente dentro de um polissistema maior da "cultura total" de uma dita comunidade, para que o último seja entendido como um componente de um "mega-polissistema", i.e., um que organiza e controla várias comunidades" (tradução nossa).

O alcance de público a partir de um aplicativo é muito maior, mesmo que este ainda seja restrito, do que o de um livro. A sociedade atual vem buscando por praticidade, já que as pessoas estão ficando mais atarefadas e, com isso, o tempo que a leitura de um romance requer é mais longa do que a de um texto em um aplicativo.

Além do mais, o fator mais interessante que podemos destacar com esse aplicativo é a semelhança que ele carrega com os diversos métodos de ensino de língua estrangeira. Toda a sua estrutura contém detalhes de um método de ensino de língua real. Na sua interface, por exemplo, vimos que os diversos menus são divididos em lições, em elementos de fauna, flora, utensílios de casa, um dicionário. Isso demonstra a riqueza dos detalhes que filólogos, linguistas pensaram ao estudar o que foi deixado por Tolkien.

Portanto, uma língua e o aprendizado desta são fenômenos culturais diferentes, sendo a língua um bem e o aprendizado, uma ferramenta. Por isso, com essa proximidade do aplicativo com os métodos de ensino de línguas estrangeiras, é possível entendê-lo como uma ferramenta, tema este que será discutido no próximo item.

3.2 CULTURA COMO BENS E CULTURA COMO FERRAMENTAS

É partindo desse pressuposto que entramos agora com a teoria de Cultura como bens e Cultura como ferramentas de Itamar Even-Zohar (2010). Essa teoria deriva da corrente estruturalista, ou seja, é uma análise de fatos linguísticos a partir das noções de estrutura e sistema. Ela discutirá o papel empregado da cultura, sendo ela um *bem* – "*a set and stock of evaluable goods, the possession of which signifies wealth, high status, and prestigie*"[29] – ou uma ferramenta – "*a set of operating tools for the organization of life, on both the collective and individual levels*."[30]

Com isso, a concepção da cultura como um *bem* vem do conceito de que ela tem algum valor para um indivíduo ou um grupo (sociedade). Além disso, a posse desses bens levaria ao prestigio. Ou seja, esse *bem* pode ser de qualquer âmbito, desde que a sociedade tenha lhe atribuído um valor.

A concepção de cultura é complementar a esse conceito, sendo ela vista como uma *ferramenta*, a partir do uso que é feito dela por um indivíduo ou grupo social no âmbito de auxiliá-los em seu diálogo com o mundo.

---

[29] Um grupo e *estoque* de bens estimados, a posse do qual significa riqueza, status elevado e prestígio (tradução nossa).

[30] Um grupo de ferramentas operando para organização da vida, em ambos níveis coletivos e individuais" (tradução nossa).

Apliquemos, então, tais conceitos que estamos discutindo. As línguas criadas por Tolkien podem ser consideradas um bem cultural, pois elas acarretam valor tanto para os fãs quanto para estudiosos da criação. Neste contexto, o trabalho linguístico e filológico feito pelo autor recebe elevada importância, tanto por suas credenciais acadêmicas no uso de línguas reais como base de criação, quanto na fidelidade com que seus fãs acompanham cada detalhe de suas obras. Nas palavras de Even-Zohar (2010),

> […] theses goods are viewed, and sensed, as "values." A whole stock of words has been invented to distinguish these valuable items – objects, activities, and artifacts – from less valuable ones. They are labeled "original," "artistic," "spiritual," and more. They are treated as givens, and a whole set of institutions have emerged along the ages with the purpose of cherishing them, enhancing their value, and securing it" (p. 9)[31].

Prosseguindo com nossa discussão, o aplicativo ElvenSpeak, apresentado aqui, pode ser entendido como uma ferramenta, pois apresenta e tem o propósito de ensinar um conteúdo, a língua Quenya, de uma maneira muito semelhante ao ensino de uma língua estrangeira. Ele possui, ainda, informações, muitas vezes, advindas das obras escritas e das reflexões produzidas por Tolkien, difundindo o que foi criado por ele. Por este motivo, de ter um propósito, um uso, ele pode ser considerado uma ferramenta, a qual pode ser utilizada não apenas por um único indivíduo, mas também por um grupo desses.

Além das línguas e do aplicativo, temos também produção de Tolkien de suas obras como pseudotradução, retratado anteriormente, que pode ser considerado tanto um bem cultural quanto uma ferramenta. Quando falamos em bem, podemos ver no sentido de que ela possui características originais e pode ser considerada autêntica. Vale ressaltar que, quando falamos em ferramenta, ela se encaixa na perspectiva de difusão do conhecimento do mundo, das línguas, das criaturas criadas por Tolkien, ou mesmo uma inserção e aprendizado do mundo imaginário.

Portanto, percebemos que, além de o aplicativo ser considerado uma ferramenta como meio de difusão do ensino da língua, ele também irá, com isso, divulgar qualquer outra informação ligada ao universo Tolkien. Isso porque, a partir do momento em que o leitor tem contato com as obras de Tolkien e, por conseguinte, com as línguas, a vontade de querer saber mais estará presente nos leitores interessados, sejam eles advindos de qualquer parte: livros,

---

[31] [...] esses bens são vistos e percebidos como "valores". Um conjunto de palavras foi inventado para diferenciar esses itens importantes – objetos, atividades e artefatos – daqueles com menos valor. São classificados como "original", "artístico", "espiritual" e mais. São considerados como dados e um conjunto de instituições emergiram ao decorrer dos anos com um propósito de valorizá-las, aumentar o seu valor e assegurá-las.

filmes e o aplicativo. Por isso, o aplicativo ajudará a levar mais conhecimento sobre as línguas e o universo criado por Tolkien para um número maior de pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trabalho teve como tema central as línguas inventadas por Tolkien, em específico o Quenya. Partimos de seu processo de criação para chegarmos aos meios de adaptação e difusão dessa língua, destacando o cinema e os universos digitais. Nosso foco se centrou na forma como tais idiomas inventados são representados no processo tradutório do inglês para o português.

Para tal, partimos da análise feita da biografia do Tolkien, a qual nos levou ao entendimento de sua paixão pelo estudo de línguas antigas, de forma que voltamos nossa atenção para aquelas que possuíam mais detalhes e menções em suas obras. Com isso, ao estudarmos o Quenya, detalhamos seu complexo processo de criação, a partir de especificidades e detalhes da língua, os quais devem ser observados no processo de tradução. Vimos também que, assim como o mundo de Tolkien, as línguas se difundem por vários meios eletrônicos e impressos.

A apresentação do aplicativo ElvenSpeak foi de grande importância, pois nos levou a perceber como o processo de ensino-aprendizagem do Quenya é parecido com o de uma língua estrangeira real. Analisamos também a representação da tradução das línguas élficas no contexto de adaptações para o cinema.

Tais análises nos levaram à hipótese de que a tradução de línguas élficas nas obras que tinham o inglês como língua-fonte poderia, de fato, se tratar de uma pseudotradução. Isso porque os tradutores estariam, na realidade, traduzindo o conteúdo em língua inglesa, encontrado em notas de rodapé.

Tolkien era profundamente ciente do trabalho de tradução de suas obras, tendo inclusive produzido materiais para orientar seus tradutores. Além disso, ele mantinha contado com eles, havendo desde trocas de cartas – com conselhos e dicas – como também uma lista de nomes que deveriam ou não ser traduzidos.

As línguas criadas por Tolkien são bens culturais para suas legiões de fãs, e as ferramentas tradutórias utilizadas para popularizar tais idiomas se provaram um objeto fascinante de pesquisa do campo dos Estudos da Tradução.

O perfil tradutor de Tolkien ainda merece novos estudos, que pretendemos desenvolver futuramente, assim como um aprofundamento do tópico da tradução línguas élficas dentro da Teoria dos Polissistemas, que também será estudado por nós.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. Guia da Semana – São Paulo. Notícias. **Os 13 livros mais vendidos da história**, 05 jan. 2015. Disponível em < http://www.guiadasemana.com.br/em-casa/noticia/os-13-livros-mais-vendidos-da-historia >. Acesso em: 10 ago. 2016.

BAKER, M. (Ed.). ***Routledge Encyclopedia of Translation Studies***. New York: Routledge, 1996.

EVEN-ZOHAR, I. *Polysystem theory. **Poetics Today** - International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication,* v. 11, n.1, p.1-263, 1990.

EVEN-ZOHAR, I. *Culture as goods, culture as tools. **Papers in Culture Research**. Tel Aviv: Unit of Culture Research, Tel Aviv University,* p. 9-14, 2010.

EVEN-ZOHAR, I. Teoria dos polissistemas. **Translatio**, Porto Alegre, n. 5, p. 2-21, 2013. Tradução de: Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha.

FAUSKANGER, H.K. ***Quenya Course*.** 2004.

FAUSKANGER, H. ***Kåre. Bibelen på norsk***. Disponível em: <http://folk.uib.no/hnohf/>. Acesso em: 09 jun. 2016.

GONÇALVES, D.F**. Pseudotradução, linguagem e fantasia em "O senhor dos anéis", de JRR Tolkien**. 229 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GOOD READS. **Portal para leituras de livros.** Disponível em: < https://www.goodreads.com>. Acesso em: 23 jul. 2016.

GRUPO VALINOR. **Ardalambion** [online]. Site dedicado à divulgação e ao estudo relacionado às Línguas inventadas por J. R. R. Tolkien. Criado por Helge Kåre Fauskanger e traduzido Gabriel Oliva Brum. 2016. Disponível em: < http://www.ardalambion.com.br/>. Acesso em: 23 jul. 2016.

IMSDB. Banco de Dados. **Scripts – O Senhor dos Anéis: irmandade do anel**. Disponível em: < http://www.imsdb.com/scripts/Lord-of-the-Rings-Fellowship-of-the-Ring,-The.html >. Acesso em: 10 ago. 2016.

KADER, C. C.; RICHTER, M.G. Linguística de *corpus:* possibilidades e avanços. **Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 13-23, jan./jun. 2013.

SKOOB. Rede social brasileira de leitores. Brasil, 2016. Disponível em: < <https://www.skoob.com.br>. Acesso em: 23 jul. 2016.
TOLKIEN BRASIL. **Portal Tolkien Brasil**. Brasil, 2016. Disponível em < <http://tolkienbrasil.com/>. Acesso em: 25 abr. 2016.

TOLKIEN GATEWAY. Portal Races. **Browse each race**. 2012. Disponível em: <http://tolkiengateway.net/wiki/Portal:Races>. Acesso em: 25 abr. 2016.

TOLKIEN SOCIETY. **The Tolkien Society**. Inglaterra, 2016. Disponível em: <http://www.tolkiensociety.org>. Acesso em: 25 abr. 2016.

TOLKIEN GATEWAY. Portal Languages. ***Dictionary of all invented languages***. 2012. Disponível em: <http://tolkiengateway.net/wiki/Portal:Languages>. Acesso em: 25 abr. 2016.

TOLKIEN, J. R. **O Senhor dos Anéis**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2001. Tradução de: Lenita Maria Rimoli Esteves, Almiro Pisseta

TOLKIEN, J. R. R. ***As cartas de J.R.R. Tolkien*.** Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006. Tradução de: Gabriel Oliva Brum.

TOLKIEN, J.R. R. *O Silmarillion*. 5.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. Tradução de: Waldéa Barcellos.

TOLKIEN, J. R.R. ***O Hobbit.*** 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. Tradução de: Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisseta.

SARDINHA, T. B. Linguística de *Corpus:* histórico e problemática. **D.E.L.T.A**[online], São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

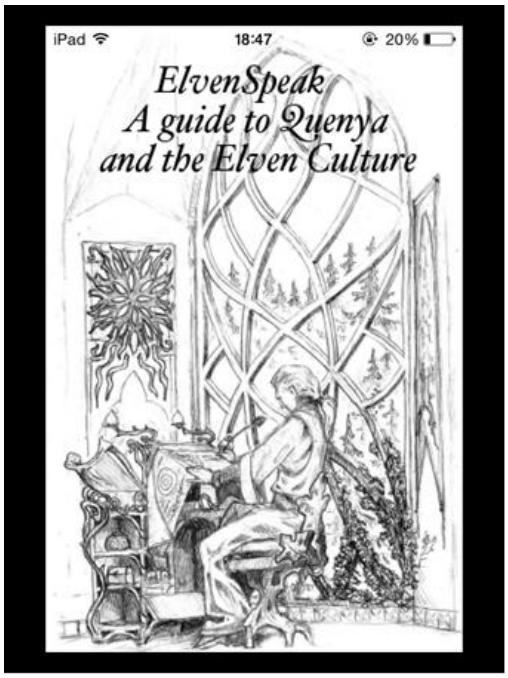
ANEXO A – IMAGEM DO TÚMULO DE TOLKIEN E SUA ESPOSA

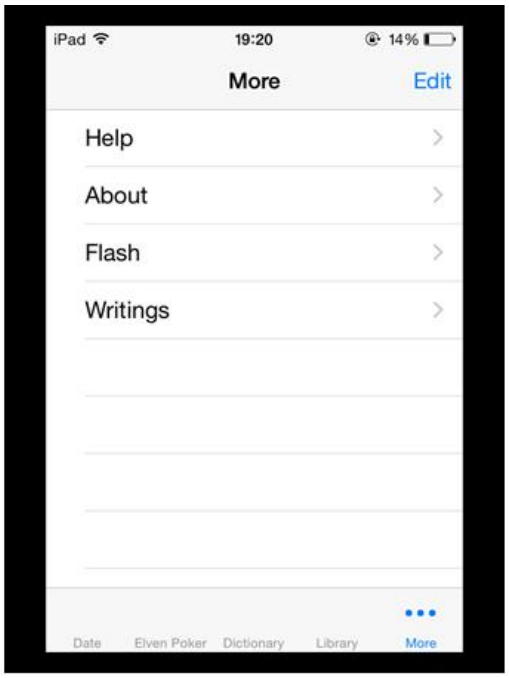
Fonte: *Tolkien Society* (2016).

ANEXO B – ASSINATURA DE TOLKIEN, VINDO EM TODO INÍCIO DE SEUS LIVROS E NAS LOMBADAS

Fonte: *Tolkien Society* (2016).

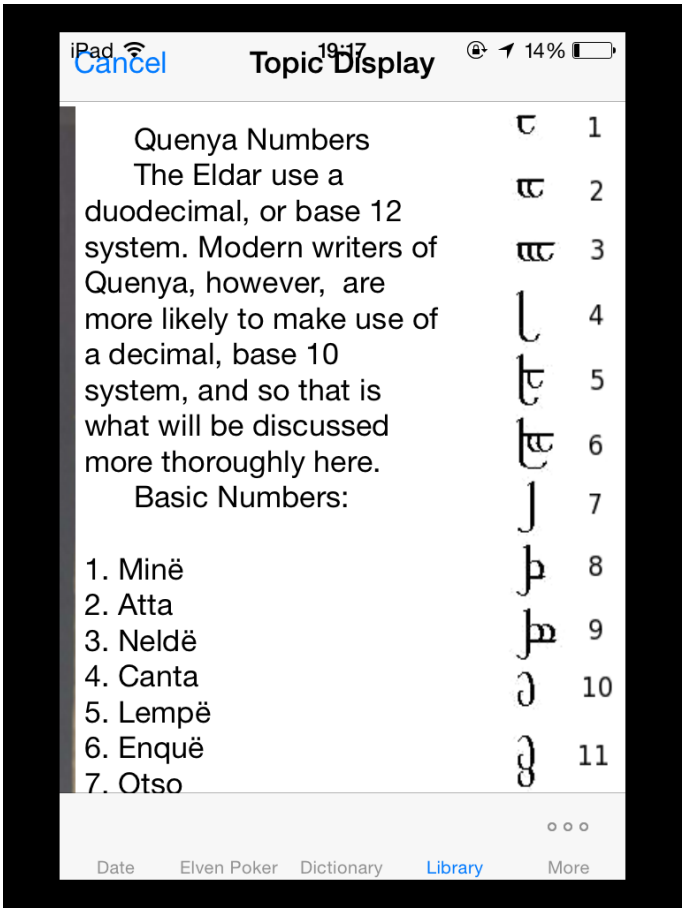
ANEXO C - PRINT DA PÁGINA DE ABERTURA DO APLICATIVO E PRINT COM A PRESENÇA DE TODAS AS ABAS





Fonte: Aplicativo: “ElvenSpeak”.

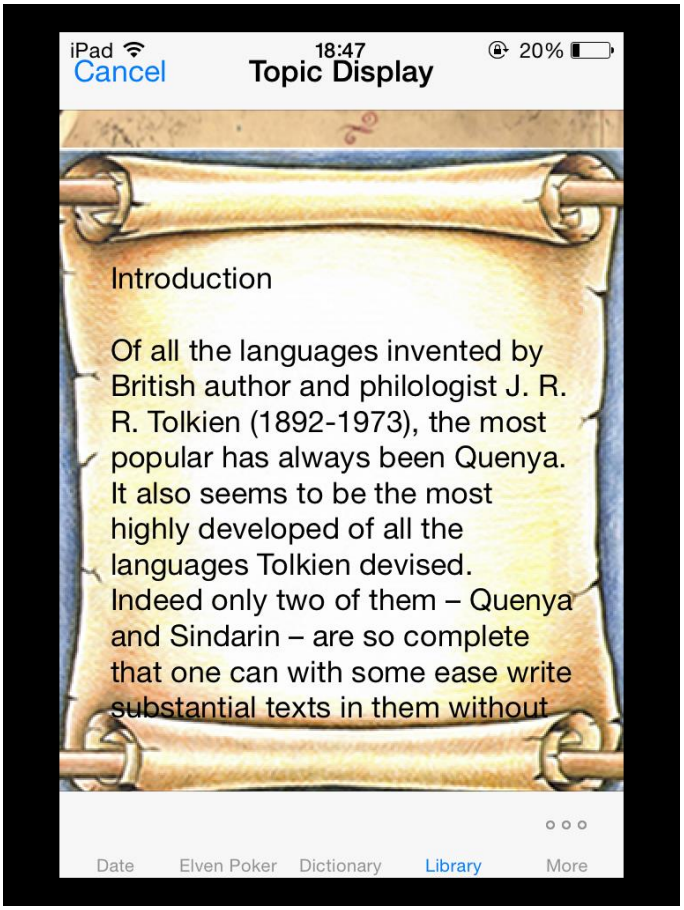
ANEXO D – PRINT DA ABA DE NÚMEROS EM QUENYA



Fonte: Aplicativo: “ElvenSpeak”.

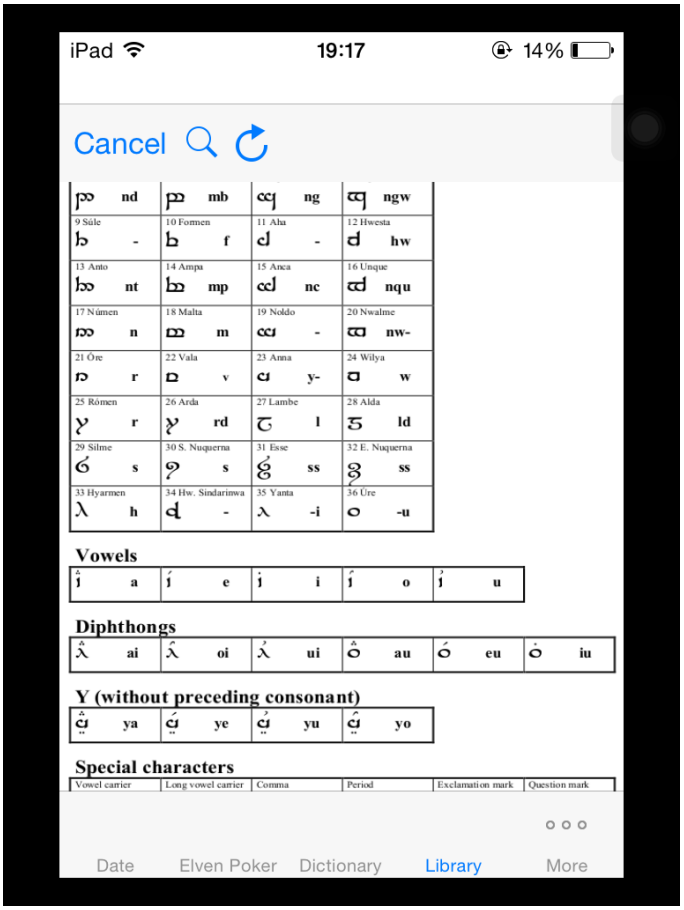
Nesta imagem, podemos ver a aba “Números” do aplicativo ElvenSpeak. Existe uma pequena introdução, que descreve como o sistema numérico élfico funciona, além disso, são elencados os números em grafia e por extenso. Há também uma explicação de como os números se comportam após o 12, como são escritos números muito grandes e o posicionamento em frases.

ANEXO E – PRINT DA ABA “LIBRARY” CONTANDO A INTRODUÇÃO PARA O APP



Fonte: Aplicativo: “ElvenSpeak”.

ANEXO F – PRINT DA ABA DE ALFABETO



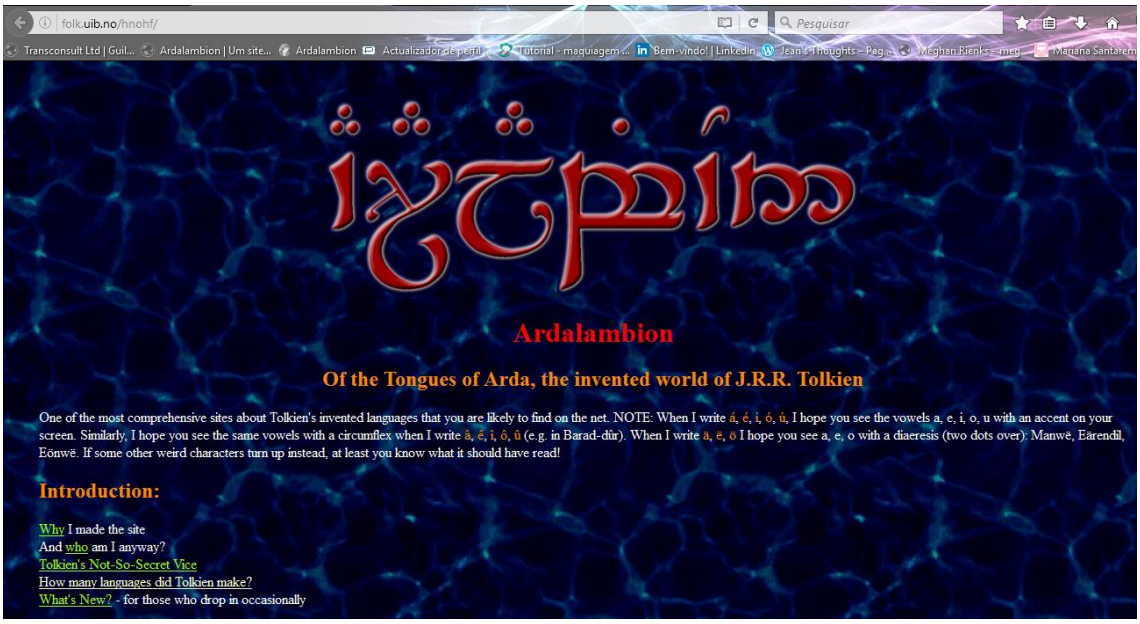
Fonte: Aplicativo: “ElvenSpeak”

Nesta imagem, podemos perceber a descrição do alfabeto élfico, tendo as Consoantes, Vogais, Ditongos, Y (sem consoante precedente) e Caracteres específicos.[32]

[32] Tradução nossa.

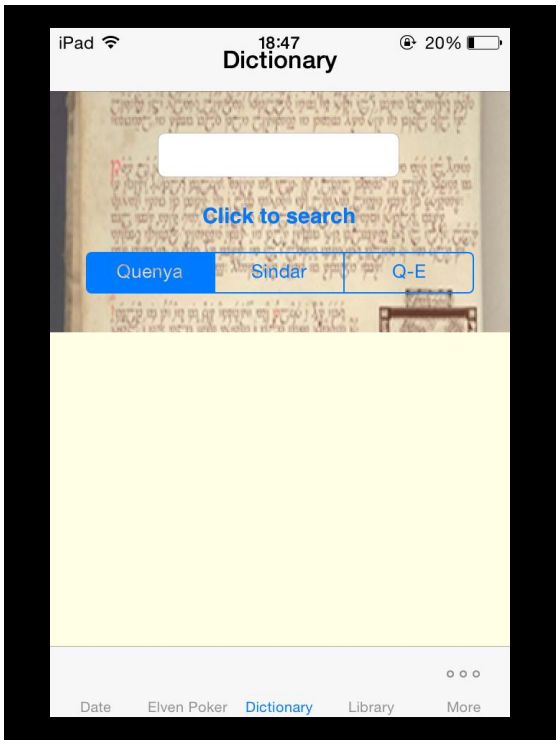
ANEXO G – PRINT DA PÁGINA INICIAL DO SITE ADARLAMBIO EM PORTUGUÊS E PRINT DA PÁGINA INICIAL DO SITE ADARLAMBIO EM INGLÊS

Fonte: Grupo Valinor (2016)

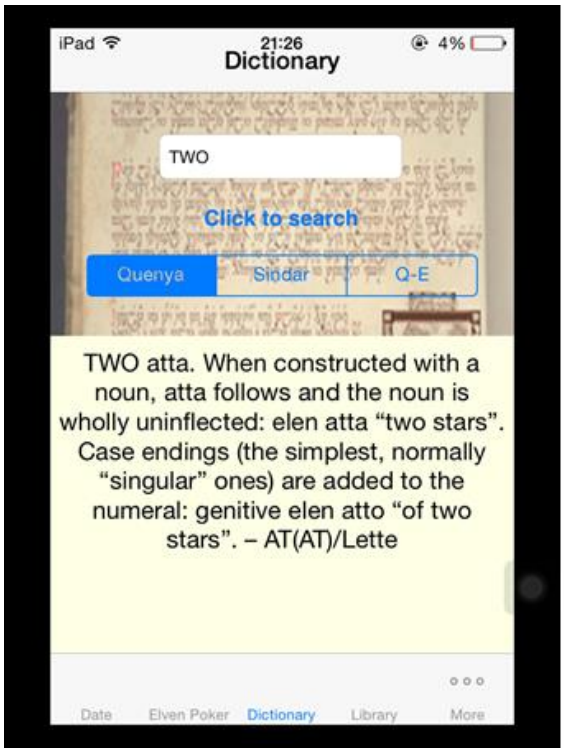


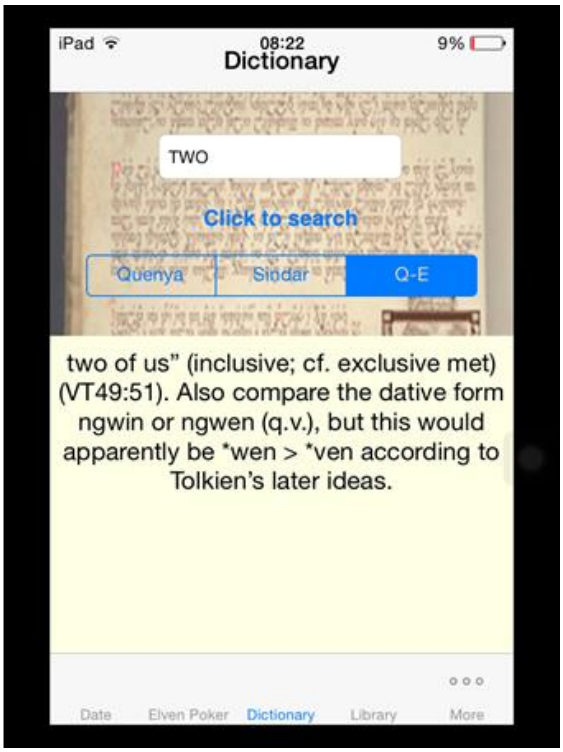
Fonte: Adarlambion (2016).

ANEXO H – PRINT DA ABA DICIONÁRIO E *PRINT* DA ABA DICIONÁRIO E *PRINT* DA ABA DICIONÁRIO



Fonte: Aplicativo: “ElvenSpeak”.

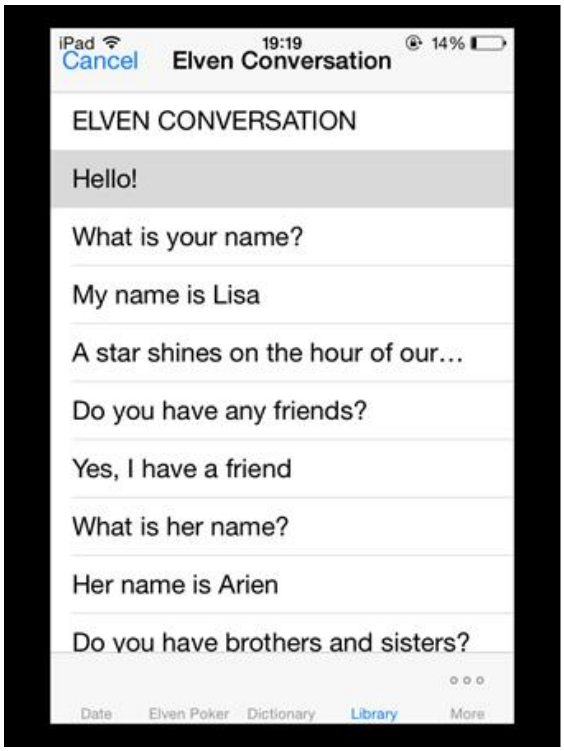




Fonte: Aplicativo: “ElvenSpeak.

Nestas imagens, temos a aba Dicionário. Nele, a forma de pesquisa se assemelha a de um dicionário digital de uma língua real. Duas pesquisas foram feitas com a mesma palavra “Two”. Quando esta foi escrita e pesquisada em “Quenya”, uma definição é apresentada para nós. Contudo, quando digitamos a mesma palavra e pesquisamos em “Q-E”, o resultado será diferente, com uma definição diferente. O que podemos ver é que quando o processo é reverso, a definição modifica. A versão do aplicativo que obtivemos para as pesquisas foi a gratuita e nela não é possível executar pesquisas em “Sindarin”, somente na versão paga.

ANEXO I – PRINT DA ABA CONVERSAÇÃO E PRINT DA ABA CONVERSAÇÃO



Fonte: Aplicativo: “ElvenSpeak”.

Nesta imagem, podemos perceber algumas frases feitas para treinar uma suposta conversação em Quenya. Clicando no exemplo “Hello!”, como está destacado, será aberto um novo link (o print da imagem se encontra a seguir). Nele, além da tradução para o élfico: “Aiya!”, também existe o áudio da palavra em inglês e, em seguida o áudio em Quenya, possibilitando a repetição pelo usuário.

Todas as frases seguintes possuem o mesmo método. Ao clicar, a tradução e a pronúncia serão apresentados.